

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

DEPARTAMENTO DE LETRAS



A Língua como Forma de Arte
Em Busca da Semântica Lexical em Textos Populares no Concelho
da Covilhã

Mestrado em *Letras*

Estudos Didáticos, Culturais, Linguísticos e Literários

Benjamim Jorge Neves Luciano

ORIENTADOR:

Prof. Doutor

Paulo José Tente da Rocha Santos Osório

Dissertação de 2^o Ciclo em Estudos Culturais, Didáticos, Linguísticos e Literários conducente ao grau de Mestre, apresentada à Universidade da Beira Interior.

ÍNDICE

Introdução	p. 6
Capítulo I – Regionalismos na Língua Portuguesa	
1. Breve Sinopse	p. 11
2. A Presença de Realidades Socioculturais no Romance	p. 14
3. Dos Autores às Linguagens Locais	p. 21
4. A Linguagem Regional nos Romances Regionalistas	p. 26
5. Factos linguísticos regionais no plano morfológico	p. 30
6. Regionalismos lexicais	p. 33
7. Modismos e ditados regionais	p. 43
Capítulo II – Textos Orais Recolhidos no Paul	
1. Método de recolha	p. 55
2. Breve abordagem lexical (referente ao CD)	p. 56
Capítulo III – Estudo Lexicométrico	
1. Método de recolha	p. 58
2. Letras das cantigas recolhidas	p. 69
3. Pautas das cantigas	p. 68
4. Estudo lexicométrico	p. 77
Conclusões	p. 83
Bibliografia	p. 86

Agradecimentos

No final do trabalho, naturalmente sempre em aberto e passível de crítica, gostaríamos de agradecer a algumas pessoas que nos foram ajudando, de forma diversa, ao longo deste percurso.

Em primeiro lugar, à minha Família, em especial à minha mulher e aos meus filhos. Sem a paciência destes e o estímulo diário com que me foram presenteando, muitos dos momentos teriam sido mais difíceis.

À Professora Doutora Maria da Graça Sardinha, amiga de muitos anos, pela sua generosidade e pelo modo encorajador como sempre acompanhou este projecto.

Ao Professor Doutor Paulo Osório, pela forma como, cientificamente, acompanhou a elaboração deste trabalho.

A todos os que aqui não se encontram mencionados, mas que, mesmo que indirectamente, acompanharam a minha investigação, o meu obrigado.

Introdução

Desde há muito tempo que os usos, costumes, e a cultura em geral, têm sido transportados de geração em geração, particularmente através de textos, quer orais, quer escritos, representações, canções, provérbios, lengalengas, etc. Deste modo, “Sabemos que a Literatura Oral / Escrita Tradicional tem atravessado a história da comunidade que a tem transmitido, que as suas composições foram pouco a pouco sendo produzidas pelo menos desde o século XII e/ou XIII até a este princípio do século XXI”¹.

Como texto marcante da história da cultura portuguesa, não podemos esquecer o extraordinário repositório incluído no Cancioneiro, composto por uma diversidade de documentos que reproduzem orações, rezas e benzeduras. Ali podemos encontrar rimas infantis, cantigas de roda ou de embalar e outras, de cariz regional ou popular, bem como adivinhas, provérbios, dizeres e quadras.

Tendo em conta a diversidade das áreas ligadas à cultura tradicional, resolvemos, no âmbito deste estudo, centrar a nossa problemática na *Língua como Forma de Arte*, visando a busca das dinâmicas que envolvem a Semântica Lexical, particularmente nos textos populares que seleccionámos. Trata-se de uma proposta de trabalho que surge na sequência de uma pesquisa sobre textos populares, musicados, do Concelho da Covilhã, que traduzem aspectos ligados à *água*, ao *trabalho*, à *folia* e, especialmente, aos *lanifícios*. Dessa recolha, surgiram doze textos, dos quais foram seleccionados apenas nove, tendo ainda estes como critério de escolha a mensagem, o ritmo e a melodia.

¹ Correia, João David Pinto, *IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*, 2001, p.1.

De facto, consideramos que a origem de muitos textos ou melodias populares se foram perdendo no tempo, e haverá sempre dificuldade em determinar, com rigor absoluto, a sua origem, local, data ou autor, porque o povo, como se sabe, não era instruído. Com efeito, não foi o povo que escreveu “as cantigas de amigo”. Aliás, se tal tivesse acontecido, teríamos igualmente dificuldade em conhecer o seu verdadeiro autor, ou então o povo seria muito instruído, o que infelizmente não acontecia.

Verdadeiro, efectivamente, é todo o espólio deixado por Fernando Lopes Graça², Armando Leça³, Michel Giacometti⁴, ou, ainda, mais recentemente, o trabalho de Jaime Lopes Dias⁵. Nesse sentido, recolhemos os textos musicados, ouvindo os mais idosos, dos quais efectuámos registos, em formato digital, que vão servir de material de apoio a esta dissertação. Ouvimos ainda

² Graça, Fernando Lopes, (1906 – 1994). É autor de uma vasta obra literária incidente em reflexões sobre a música [portuguesa](#) e a música do seu tempo, mas maior ainda é a sua obra musical, da qual são assinaláveis os concertos para piano e orquestra, as inúmeras obras corais de inspiração folclórica nacional, o [Requiem](#) pelas Vítimas do Fascismo (1979), o concerto para violoncelo encomendado e estreado por [Rostropovich](#), e a vastíssima obra para piano, nomeadamente as seis sonatas que constituem um marco na história da música pianística portuguesa do século XX. (*Wikipédia*)

³ Leça, Armando, (1891- 1977). Etnomusicólogo, autor dos primeiros registos sonoros efectuados em todas as províncias do território continental, só conhecidos do grande público em 1983. Para Alberto Sardinha, “A importância das recolhas de A. Leça é crucial, já por abrangerem todo o território (de Portugal continental, repita-se), já por terem sido realizadas há 60 anos, já por constituírem o primeiro levantamento músico-popular no nosso país” (Expresso, 6/3/99).

⁴ Giacometti, Michel (1929 – 1990). Nasceu em Ajaccio, na [Córsega](#), interessou-se pela música popular portuguesa após visitar o Museu do Homem em [Paris](#). Veio viver para Portugal em 1959. Acaba por se fixar em [Bragança](#). Fundou os Arquivos Sonoros Portugueses em 1960. Percorreu o país nas décadas seguintes, até 1982, tendo gravado cantares e [músicas tradicionais](#) que o povo cantava no seu quotidiano. Em 1981 foi editado, pelo Círculo de Leitores, o "[Cancioneiro Popular Português](#)" que contou com a colaboração de [Fernando Lopes Graça](#). (*Wikipédia*)

⁵ Dias, Jaime Lopes, (1890 – 1977). Nasceu em Vale de Lobos, actual Senhora da Póvoa (Penamacor). Em 1962 viu-se eleito académico efectivo da Academia de Ciências de Lisboa. Folclorista de nomeada, a sua *Etnografia da Beira* (em onze volumes, o primeiro dos quais publicado em 1962), continua a constituir trabalho de referência no conjunto da literatura Portuguesa consagrada ao tema. (*Autores Nascidos no Distrito de Castelo Branco*, António Forte Salvado, 2001).

os registos áudio publicados no Concelho da Covilhã, quer em vinil ou CD, que relevam para a temática em questão.

Após a leitura atenta dos textos seleccionados, e através da sua interpretação repetida, em alguns concertos, ressaltou um aspecto curioso, que tem, sobretudo, a ver com uma “segunda leitura”, emergente de uma conotação, mais ou menos intencional do autor, e que motivou esta proposta de estudo.

Dado tratar-se de uma temática muito específica, *Em Busca da Semântica Lexical em Textos Populares no Concelho da Covilhã*, estamos convictos de que através de um trabalho orientado pela objectividade, pelo rigor das recolhas, e pela análise consistente dos textos, será possível tirar conclusões interessantes e sustentadas que, em nosso entender, este estudo pode reconhecer no âmbito do património cultural e local.

A estratégia escolhida para a recolha de dados desenvolveu-se em três tempos distintos, que passamos a apresentar: numa primeira fase, tentamos reconhecer e recolher os registos publicados, relacionados com a temática proposta, com suporte em formato digital, ou não; numa segunda fase, seleccionámos uma amostra o mais representativa possível que cumprisse os critérios propostos; na terceira fase, procedemos aos arranjos musicais, garantindo as melodias na sua originalidade.

Ao longo da primeira fase, reconhecemos apenas dois registos em suporte Vinil⁶, três em CD - Áudio⁷ e três em Cassetes áudio⁸. Referimo-nos, somente, a registos publicados. Após a audição dos registos e análise dos respectivos textos, com base no critério de evidência ou indução de conceitos relacionados com a *água* e o *trabalho* e a *folia*, surgiram cerca de vinte exemplares, pelo que decidimos alterar o critério, acrescentando mais um

⁶ *Rancho Folclórico da Casa do Povo de Paul (1988); Rancho Folclórico da Boidobra(1994).*

⁷ *Rancho Folclórico da Casa do Povo de Paul (1988); Rancho Folclórico da Boidobra (1994); Rancho Folclórico do Refúgio (1992).*

⁸ *Idem.*

indicador, o *ciclo da lã*, no sentido de reduzir, por enquanto, a amostra inicial. Concluímos, assim, uma selecção de nove cantigas, cantadas e dançadas no Concelho da Covilhã, que cumpriam o previamente estipulado. Os seus textos guardam, para além do sabor da água, do quente da lã, da jorna eterna, o encanto das palavras, numa semântica que queremos inspiradora.

Nesta primeira fase do trabalho, quisemos, também, ver e ouvir, as referidas cantigas, mas, desta vez, em tempo real, interpretadas pelos artistas locais. Nesse sentido, marcámos pequenos encontros, onde foi possível registar algumas interpretações genuínas, em que sobressaem aspectos do linguajar local.

Ainda neste âmbito, tivemos oportunidade de visualizar alguns excertos de recolhas de Giacometti na, então, Beira Baixa, bem como o filme “Covilhã Industrial, pitoresca e seus arredores - 1921”⁹, apresentado pela Câmara Municipal da Covilhã no Teatro Cine. Com esta experiência, em particular, descobrimos, mais objectivamente, a relação directa entre a água, o trabalho e a lã, na Cidade da Covilhã e arredores, no decorrer dos anos vinte.

A água, oriunda da Serra da Estrela, foi o *maná* que alimentou tudo e todos na Covilhã durante décadas. Nas suas encostas, ricas em alimento animal, pastavam durante meses milhares de ovelhas, nesta paragem obrigatória do roteiro dos pastores. Ao longo das duas ribeiras, Goldra e Carpinteira, nasceram autênticos formigueiros humanos, em torno das fábricas de lanifícios ali erguidas, alimentadas pelas águas que escorriam da serra. A vida nos arredores da cidade era circunscrita ao ciclo da terra e às festas religiosas. Com o aparecimento do tear, a ocupação de grande parte da população virou-se para a tecelagem, e afins, dada a intensa procura do fio.

⁹ Documento elaborado por Elisa Calado Pinheiro, João Boléu Matos Silva e Afonso Cruz da Silva, encontra-se no repositório do Museu do Cinema da Cinemateca Portuguesa. Trata-se de um filme que retrata a Covilhã e arredores, onde sobressai o fausto dos anos 20, provocado pela evolução dos lanifícios. Deste trabalho, queremos destacar as seguintes cenas: Cenas 21, 22 e 23 – vista da várzea para a Covilhã, pastor e ovelhas; Cenas 24 e 25 – Escolha da lã e lavagem da rama; Cena 41- Tecelagem manual.

Na segunda fase do trabalho, tendo por pressuposto a trilogia *Água – Trabalho – Lã*, seleccionamos os seguintes textos, que se transcrevem mais adiante:

- 1- *Farrapeira* – moda no feminino que enaltece o trabalho com o rasgo e escolha de farrapos;
- 2- *Coletinho aos Ramos* – escrito na primeira pessoa, onde o colete e a perícia do alfaiate são pretexto para falar na relação amorosa, e na saudade;
- 3- *Cantiga dos Pastores* – cantiga de homens, ligada ao pastoreio, onde sobressaem expressões populares dirigidas pelos homens às mulheres;
- 4- *Rapaz da Casaquita* – quadras ligadas à vaidade, ao amor e à saudade;
- 5- *Lavadeira* – cantiga que enaltece o trabalho da mulher, com particular referência à Ribeira do Paul;
- 6- *Tecedeira Briosa* – cantiga lindíssima, cujo texto relaciona o amor, o trabalho e a lã.
- 7- *S. João dos Bêbados* – quadras ao santo, num gosto perspicaz;
- 8- *S. João Antigo* – moda que se perde no tempo, e que enaltece o espírito alegre do santo, e a perdição da mulher;
- 9- *A Pastora* – história contada, onde sobressaem os valores instituídos, o proibido, a sabedoria popular;

CAPÍTULO I

Regionalismos na Língua Portuguesa

1. Breve sinopse

A referência a aspectos relacionados com as “regiões”¹⁰, nomeadamente os que têm a ver com características físicas da natureza, ou humanas, surge desde muito cedo na Literatura Portuguesa. Todavia, o “movimento regionalista” só ganha grande visibilidade quando, assumidamente, os autores do séc. XX passam a usar esta designação, à semelhança do que outros já vinham fazendo no estrangeiro. Os autores nacionais, até então, apenas aludiam a aspectos regionais, muitas vezes, relacionados com as suas vivências de juventude.

Nesta dicotomia entre o antes e o depois, surgem, no entanto, opiniões que atribuem a Gil Vicente, ou melhor, à sua obra, o marco identificador do início da literatura regionalista portuguesa. Nas peças, *o Juiz da Beira*, *o Clérigo da Beira*, *a Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela*, ressalta, continuamente, todo um conjunto de referências à Beira, particularmente ligada à vida pastoril e à serra.

Gil Vicente terá encenado a Beira, também por ideais da época, como a região mais rude, mais rústica, mais pobre, mais atrasada. Aí, utilizando uma linguagem mais poética, colocou pastores, serranos e outras figuras beirãs, revelando um vocabulário que nem sempre é considerado como beirão ¹¹.

¹⁰ Os termos “região” e “regionalismo” referem-se à região em termos geográficos, como um território caracterizado e definido por factores naturais como o clima, o relevo ou a natureza dos solos.

¹¹ A. J. da Costa Pimpão, *Obras Completas de Gil Vicente*, 1956, pp. 16-31.

Pode dizer-se que nas suas obras, a *Beira* é quase a contradição do regionalismo, se tivermos em conta que é retratada com motivos cómicos, burlescos, caindo mesmo no ridículo. Segundo Carolina Michaëlis, a linguagem dos pastores e pastoras não é propriamente beirã, mas antes “uma mescla de linguagem popular comum a todo o país, com partículas expressionistas dos tempos antigos, conservados na solidão da serra.”¹²

A valorização dos aspectos regionais, particularmente as tradições, o folclore e a literatura popular, surge com Almeida Garrett, que utiliza na sua criação literária, referências objectivas a lugares, usos, costumes, marcos civilizacionais que pretende valorizar, no sentido de identificar um povo no seu todo. São exemplo disso mesmo, as disputas ente Campinos e Ílhavos em *Viagens na Minha Terra*¹³. Note-se que também aqui existe uma contradição em relação ao regionalismo, dado que se pretende valorizar o nacional, em detrimento da região.

Também em *O Pároco da Aldeia*, de Alexandre Herculano, se identifica uma aldeia “qualquer”, cujas características se revelam populares e não regionais, aliás, as suas figuras identificam-se com o rústico e não com o regional.

Tomás Ribeiro, ainda que queira contar as coisas da sua terra, através de cenas pouco rústicas, utiliza uma linguagem mais popular do que regionalista. É na utilização dos topónimos da Beira que revela a sua origem nesta região. No entender de Feliciano de Castilho poucos são os vocábulos regionais que utiliza, no seio de uma linguagem popular e familiar.

Neste particular, a segunda edição de D. Jaime, refere que o autor queria, à semelhança de Eça, valorizar o nacional, mas neste caso, pelo combate à ideia de união ibérica que terá surgido pouco antes do final do séc. XIX, (1855) na cidade das letras, onde vivia.

¹² Michaëlis, Carolina, *Notas Vicentinas*, 1992, p. 395.

¹³ Garrett, Almeida, *Viagens na Minha Terra*, 1846.

Os cenários utilizados por Júlio Dinis em *As Pupilas do Senhor Reitor*, como identificadores do Minho, podiam, perfeitamente, localizar-se noutra região do país. As fainas rurais são também características de outras regiões, como a Beira ou o Douro. Não fossem algumas, poucas, referências mais objectivas em *A Morgadinha dos Canaviais*, como quando situa a acção “nos extremos do Minho, ... da vizinhança de sua irmã, a alpestre e severa Trás-Os-Montes”, e teríamos dificuldade em relacionar a acção com aquela região. Note-se que, de novo, a linguagem revela um cariz rústico e familiar, comum em várias regiões.

Com Camilo Castelo Branco, os topónimos regionais são utilizados de forma intensa, figurando alguns traços regionais, com particular utilização de fonemas que parecem mais querer retratar humoristicamente o primitivismo e ignorância das figuras. Em *As Novelas do Minho*, vai-se tornando recorrente a alusão a sentimentos de desencanto e decepção, que contrariam os ideais regionalistas.

As tendências literárias em voga no final do séc. XIX, bem como as consequências do início da industrialização de algumas zonas citadinas do país, influenciaram os escritores dessa época. Muitos, temendo o desaparecimento de usos e costumes deveras rotinados na vivência das famílias, e face à tranquilidade e serenidade do quotidiano na província, voltaram o seu olhar para o campo, para a aldeia, criando um movimento geral entusiasta pelos costumes, tradições, folclore e linguagem da província, com a participação de autores dos mais diversos domínios, como artistas, etnólogos, filólogos, através de diversas publicações, de salientar a *Revista Lusitana* (1887), pela diversidade de participações, que iremos referir mais adiante neste estudo.

As diversas celebrações, no final do séc. XIX, alusivas a Camões e a Vasco da Gama, para além de avivarem sentimentos nacionalistas protagonizados anteriormente por Garrett e Herculano, Eça e Ramalho foram determinantes para esse movimento geral pela valorização do povo, dado que

este era ainda o repositório genuíno dos valores lusíadas, por se manter afastado de influências estrangeiras¹⁴.

Em *Palavras Loucas* (1984), Alberto Oliveira, mentor do Neogarrettismo, exprime uma visão diferenciadora dos espaços do país, valorizando as suas características, pelas diferenças, que eram, no fundo, a sua identificação.

O Regionalismo, entendido como movimento pela valorização e defesa da “região” iniciado no séc. XIX em países como a França, Inglaterra e Irlanda, teve início em Portugal já no séc. XX, e ganha expressão com o Integralismo Lusitano (1913) que junta personalidades como António Sardinha, Hipólito Raposo, Alberto Monsarás, Luís de Almeida Braga e Xavier Cordeiro, e que pretendia dar corpo a valores como “Terra”, “Raça” e “Tradição”, tendo como suporte aspectos basilares como a “descentralização”, a “diferenciação regionalista”, contra a “centralização abusiva”¹⁵.

2. A Presença de Realidades Socioculturais no Romance

Durante a primeira metade do séc. XX, foram publicados diversos romances que descrevem de forma mais ou menos intensa a zona onde decorre a acção, quer em termos geográficos quer em termos socioculturais.

Entre os mais significativos, destaca-se *Maria dos Tojos*¹⁶, que se refere com pormenor à povoação de Castro Laboreiro, situada no Concelho de Melgaço, no Alto Minho. Este Romance reflecte os aspectos geográficos da localidade e o seu relacionamento, e mesmo influência directa na vida sociocultural local. Pensamos existir uma relação causa/efeito entre o clima e a movimentação das pessoas. As baixas temperaturas no Outono, e o facto de haver queda de neve no Inverno, pode estar relacionado com a emigração no Outono e o regresso na Primavera, para a época das sementeiras. Por outro

¹⁴ Dias, Augusto da Costa, *O Nacionalismo Literário da Geração de 90*, 1962.

¹⁵ Nação Portuguesa, ano 1, nº3, p. 21.

¹⁶ Ferreira, Barros, 1938.

lado, o autor refere-se à movimentação dos habitantes que ficam, e que se reparte, ora pelas zonas mais baixas, as “invernias” (p.24), na época do frio, ora pelos espaços mais altos e solarengos, as “varandas” (p. 25), na estação quente. Outros aspectos aí retratados, dizem respeito a costumes tradicionais diversos, como o casamento, as festas, a morte, etc.

A relação directa entre o carácter das pessoas da localidade de Castro Laboreiro e a rudeza da situação geográfica da localidade, está bem patente no romance, onde pode ler-se:

“A serra era assim, simples, primitiva, agreste, feroz como a urze, o tojo e o lobo que lhe serviam de símbolos. As almas eram como a serra, exaradas em tudo, rebeldes à obediência, rudes instintivas, como os primeiros homens.”¹⁷

Com estes pressupostos, não é de admirar a débil situação socioeconómica, que é por demais evidente nas supostas “profissões” dos elementos da família de Maria dos Tojos, que veste o papel principal no romance com o mesmo nome. Ela era pastora, o marido e o irmão eram contrabandistas. Esta estranha forma de vida, o contrabando, para nós, acabará por ditar a infelicidade da família, com a morte do marido da protagonista e o exílio do seu próprio irmão.

Outro dos romances que de forma mais intensa retrata uma localidade é *Gentio Branco*¹⁸. Neste caso a minúcia com que são descritos a localidade de Póvoa de Lanhoso e dos lugarejos nas imediações, e muito particularmente da freguesia de Monsul, consegue transportar o leitor para o local da acção, e assim provocar uma proximidade à realidade vivida na aldeia, bem como dos usos e costumes daquela população. A inspiração do autor é ainda mais próxima, quando se descobre que as duas protagonistas do romance são inspiradas em duas mulheres da aldeia, a mãe e a filha.

¹⁷ *Maria dos Tojos*, 1938, p.220.

¹⁸ Rocha, Hugo, 1943.

Outro dos aspectos mais saliente neste romance, é o que diz respeito a informação mais específica quer no que respeita ao cancionero regional ali transcrito (pp. 125,126,138), quer às credices (pp. 213,21), tão características do povo, quer ainda às romarias e peregrinações aos santuários de S. Bento da Porta Aberta, da Senhora da Abadia e da Senhora do Sameiro.

Como acontece em outras zonas do país, a faina agrícola das gentes do Minho é também caracterizada pelos ciclos da terra, como o do milho ou o do vinho.

O romance de Manuel António Ribeiro, *Entre Fraguados*, documenta, de forma excepcional, as particularidades desta terra transmontana de Mirandela.

A intenção do autor foi a de descrever o povo transmontano no que respeita ao trabalho, à vida doméstica e ao divertimento. Como exemplo refira-se a descrição minuciosa de “sagadas”, as típicas cestas das vindimas, e da apanha da azeitona, bem como dos respectivos instrumentos de trabalho. Como curiosidade, desta minúcia descritiva, veja-se a matança do porco (pp. 46-54). Ainda no que respeita a usos e costumes e sua relação com as estações do ano, são de salientar antigos “rituais” relacionados com o Natal, o “repartir do burro” e a “burzigada” no carnaval, a “serração da velha” pela quaresma, etc. (pp.198, 212).

Este romance, pela sua precisão na descrição, como referimos, surge-nos, por vezes, como um verdadeiro roteiro turístico, que nos informa de forma exaustiva sobre os caminhos, os lugares, as igrejas, os conventos, entre outros, aspectos que o autor considerou importantes para informação do leitor. Quanto ao enredo, parece-nos apenas um pretexto para o autor revelar toda aquela vasta informação sobre o local.

Sousa Costa, autor dos romances *Ressurreição dos Mortos* (1917) e *Filhas do Pecado* (1946), narra, com muita precisão, os acontecimentos no quadro natural onde se desenrola a acção, utilizando muita informação, sobre o Alto Douro, mais precisamente sobre S. João da Pesqueira. O rio Douro, as suas margens e perigos, como o Cachão da Valeira, que representava para os “marinheiros” um autêntico adamastor na viagem do barco Rabelo; a vila nos

seus recantos e edificações mais representativas; as quintas espalhadas pela redondeza; as matas, os vales e as ribeiras, são descritas com uma precisão notável. O trabalho é aqui representado, de forma particular, pelo cultivo da vinha, por excelência, bem como pela vida árdua dos barqueiros. Os festejos das quadras anuais estão também presentes, como sejam as celebrações do Natal, as “pulhas” pelo Carnaval e o curioso costume do baile pela “morte do anjinho”.

As inúmeras referências ao meio social local e a forma como o enredo se desenrola nestes romances narram um “drama humano, enquadrado no drama formidável da região”¹⁹. É o “romance da terra do vinho”²⁰. Note-se que a *Ressurreição* relata os antecedentes da crise, devida à destruição das vinhas, por pragas como o oídio e filoxera, enquanto o romance *Filhas do Pecado* retrata toda a luta pela recuperação dos *mortórios*, terras áridas, verdadeiros ermos, fruto das pragas já referidas.

Na obra de Aquilino Ribeiro, a presença da Beira Alta é lugar comum, particularmente em *Terras do Demo*. Neste romance, queremos salientar as espantosas descrições que coloca na voz das personagens, sobre as aldeias de Soutosa e Arís, pertencentes ao concelho de Moimenta da Beira, locais onde se desenrolam os episódios mais significativos do romance.

A rudeza, quer de ordem física quer de carácter, da figura humana, são talhadas à imagem da região. São rostos duros, primitivos e agrestes. Manuel Mendes (1960), refere-se a Aquilino Ribeiro como um escritor “a pintar-nos a vida ao mesmo passo obscura e conflituosa desse mundo perdido ...”²¹. Ainda sobre o mesmo escritor, o autor do estudo refere que este carácter mais rude utilizado por Aquilino Ribeiro surge também em *Arcas Encoiradas*, quando

¹⁹ *As Filhas do Pecado*, p. 6.

²⁰ Cf. p. 6.

²¹ Ribeiro, Aquilino, *A Obra e o Homem*, 1960, p. 25.

afirma, referindo-se aos habitantes do local da acção, que “a sua fisionomia era a própria serra ...”²².

Outro dos aspectos bem patentes em *Terras do Demo* é a religiosidade, traduzida em comportamentos ligados a festas e santos padroeiros daquela região, através de orações populares beirãs (p. 58).

Embora Aquilino não prime pela descrição minuciosa dos usos e costumes ou dos trabalhos agrícolas, como Manuel A. Ribeiro ou Sousa Costa, não temos dúvida que sustenta o meio social através da actuação das personagens no romance.

A *Malhada* é uma evocação pormenorizada de um costume agrícola, ligado ao cultivo do milho, onde sobressaem a actuação das personagens, à medida que a intriga se desenvolve, onde surgem apenas rápidas descrições dos lugares ou aspectos relacionados com os costumes locais.

Outro romance que nos merece aqui referência é *Maria Mim*²³, e que retrata a aldeia de Quadrazais, também situada na raia. Este romance traduz a grande preocupação em fornecer uma vasta documentação sobre a vida da aldeia, através da inclusão de fotografias, do vestuário local, de famílias de nomes, de alcunhas e termos da gíria quadrazenha, bem como de costumes ligados à actividade religiosa, namoro e romarias. Um dos aspectos curiosos é a corrida de touros – a *Capeia*, realizada no largo da aldeia “Lageosa da Raia”. Um pouco à semelhança da vida na freguesia de Monsul, no romance *Gentio Branco*, também o modo de vida de Quadrazais é o contrabando, dada a sua situação geográfica, pela proximidade a Espanha.

A acção do romance sustenta-se regularmente pelo confronto entre as autoridades e os contrabandistas. Nesta particular relação de confronto, não podemos deixar de salientar a atitude com que os locais encaram o seu “trabalho”, pelo facto de considerarem a sua actividade de contrabandistas tão justa e ilícita como qualquer outra noutro lugar.

²² Cf., p. 144.

²³ Montemor, Nuno, *Maria Mim*, 1939.

Para Vergílio Godinho, mais do que a descrição de uma região situada na margem do Zêzere, entre Ferreira do Zêzere e Vila de Rei, interessou, sobretudo, salientar a ligação do Homem à terra, sentimento tão fortemente implantado no seu comportamento que suplantava mesmo a ligação do Homem à própria família.

No romance *Calcanhar do mundo*, esta particularidade é bem notória quando o autor, ao referir-se aos habitantes locais, escreve que estes querem “à terra com amor quase patológico, esse afecto excede os próprios familiares” (p.31). Para Evelina Verdelho, “as personagens parecem ser pouco representativas de uma humanidade regional”²⁴

Note-se que ao dividir o povo entre “labregos” e “civilizados”, o autor deixa de tratar seres reais, para passar a caricaturar dois lados da sociedade local, deixando transparecer que do lado dos “civilizados” estará a qualidade e o mérito, e do lado dos “labregos” a rusticidade, o “simplório”, a “malta”, a “população”. Na tentativa de criar cenas e episódio humorísticos, o autor acaba por comprometer, de alguma forma, a descrição correcta de factos e costumes, e, por esse motivo, pode não garantir um retrato fiel no que diz respeito ao meio social local.

Outro dos romances de Aquilino Ribeiro em que o autor pretende retratar pessoas e paisagens é *A Batalha sem Fim*. Na dedicatória desta obra, o autor refere-se a “uma assombrosa terra de bosques, de dunas, marteladas pelo mar”. Com a maestria que lhe é reconhecida, Aquilino dá-nos uma descrição preciosa da Praia do Pedrógão, e de toda a zona circundante, como Coimbrão, Ervedeira, Monte Real, bem como do rio Liz. Noutra perspectiva, com base em acontecimentos verdadeiros por ali ocorridos, o autor descreve-nos as fainas marítimas, a vida dos pescadores e, também, os aspectos ligados aos trabalhos agrícolas.

²⁴ Verdelho, Evelina, *Linguagem Regional e Linguagem Popular*, 1982.

No entanto, para Taborda de Vasconcelos, não terá sido o mar a fonte de inspiração do autor, para este romance, porque, segundo ele, o mesmo “nada tem a ver com o mar nem o drama do pescador português”²⁵.

Outro facto que detectámos nas obras em estudo, foi a utilização diversificada de topónimos, de forma fictícia, pelos diversos autores, para designar locais onde decorre a acção do romance.

Em *A Planície Heróica* de Manuel Ribeiro, o topónimo fictício “Carregosa” parece identificar a aldeia de Albernoa, no Baixo Alentejo, quer pelas descrições do lugar de acção, quer pelas distâncias que identificam lugares reais referidos na obra, como a cidade de Beja, quando refere que “o trasfego não passava para além da cidade, a boas quatro horas de jornada.” (p.32). Atente-se na descrição sobre o pároco da aldeia cujo “território da sua freguesia, com outras duas mais, da pura raça da charneca, que subia até à coro fertilíssima e encarecida dos barros negros, de que Beja ocupava o centro. Para baixo, rumo a Alçaria Ruiva, demoravam os povos campaniços, (...). Para a banda de Castro Verde corria o Campo Branco (...). Só lá longe, por cima das franjas negras dos montes, assomavam serranias azuis que eram um encanto para os seus olhos, e que se lhe tinham já tornado familiares de tanto as contemplar – Sr.^a de Ariceli, S. Barão e Alçaria Ruiva.”²⁶

O autor nada descarta do que à região diz respeito, muito particularmente no que ali existe de característico. Nesse sentido, sobressai a existência de uma relação directa entre a vida heróica dos charnequinhos e o ciclo do trigo, quando escreve que “Toda a gente recolhida e lenta vivia numa só canseira: - a sua seara” (p. 32). Caracteriza ainda, com frequência, o carácter do povo local e a prisão que a terra lhes causava, como, por exemplo, quando refere que “Esse facto desditoso e iníquo que pesava sobre os destinos da população agrícola marcara nela os estigmas de uma raça à parte, – esquiva, fugidia,

²⁵ Vasconcelos, Taborda, *Aquilino Ribeiro*, 1995, p.119.

²⁶ Ribeiro, Manuel, *Planície Heróica*, 1979, p. 97-99.

melancólica e concentrada, moída pelo inferno de uma aspiração sem esperança” (p. 34).

A acção tem como protagonista um sacerdote que vem do Minho e sente grandes dificuldades de adaptação com os seus paroquianos, particularmente no que respeita ao cunho divino que estes atribuíam ao pão. Este conflito, que se arrasta, só encontra solução quando o referido sacerdote resolve partilhar com os paroquianos o “milagre do pão”, ganhando o cultivo deste cereal algo de sagrado. Como pode ler-se “criar o pão – o pão alimento primário, e Deus até numa hóstia – participava duma grandeza sublime, envolvia quasi um prestígio sagrado. Ser lavrador era quasi um ministério hierático” (p. 47).

À semelhança de *Planície Heróica*, outra obra que também retrata o Baixo Alentejo, *Sarça Ardente* é uma história de uma vida contada por um velho alentejano, que desde muito jovem se prende às suas origens, à sua província e ao cultivo do pão. As descrições dos locais são feitas com grande pormenor. Este aspecto, é bem evidente na descrição pormenorizada de um típico monte alentejano, tal como hoje ainda o podemos reconhecer: “É (no monte) como o de todas as herdades, rasteiro e longo, muito caiado e seu rodapé azul, que lhe dá a graça. Às portas medram roseiras da armar, ervilhas de cheiro e pés de goiveiros. Por diante tem o forno redondo de cozer o pão, uma cerquinha de taipas que abriga o galinheiro e as figueiras (...). Nas traseiras do monte fica a arramada, o monturo, as pilhas de lenha grossa, da arregota e da chamiça, o pocilgo do cevão” (p.86).

O aspecto humano não é descurado pelo autor. Em ambos os romances são devidamente caracterizadas as diversas personagens típicas da zona, tais como lavradores e lavradeiras, feitores e ganhões, entre outras. A acção centra-se numa história de amor entre um lavrador e uma camponesa.

No Alentejo a posse das terras determina a condição social pelo que os protagonistas, dada a sua diferente condição, vão sentir na pele esse preconceito que influencia de tal modo esse relacionamento que acaba mesmo com o afastamento de ambos por largo período de tempo.

Em *Sotavento* de Hugo Rocha, também saem valorizados os aspectos paisagísticos, bem como o carácter daqueles que habitam aquela zona do Algarve, como é o exemplo da “Ti Camila”, que tão bem retrata o ambiente familiar e rural do Algarve. A par dos aspectos regionais, o autor também refere, numa descrição exaustiva, diversos costumes locais como por exemplo o piquenique anual dos “sambrasenses”, ou a Procissão do Enterro, que se realiza em Faro pela Semana Santa (p.219-300).

3. Dos Autores às Linguagens Locais

No que respeita ao conhecimento das linguagens locais, os autores dos romances em estudo revelam-se pela positiva, por um lado pelo facto de muitos deles serem oriundos das regiões ou mesmo dos locais onde decorre a acção, mas também pelo facto de alguns terem procedido a recolhas e estudos diversos sobre a linguagem local.

Manuel Ribeiro, alentejano, à semelhança de Manuel António Ribeiro, transmontano, são oriundos dos cenários onde se desenrolam cada uma das acções, quer em *Planície Heróica*, no primeiro caso, ou em *Por entre Fraguedos*, no segundo, e por essa razão conhecem bem as particularidades da linguagem verbal dos habitantes de cada uma das regiões onde se desenvolve a acção.

Aquilino Ribeiro, no que a esta particularidade diz respeito, é o exemplo de quem fala com conhecimento de causa. Na realidade, o autor está intimamente ligado às *Terras do Demo*, terras da Beira, onde terá passado a sua infância, em aldeias do Concelho de Vila Nova de Paiva e Moimenta. Não obstante esse facto, manteve, desde sempre, uma ligação muito próxima a essas terras, alimentando um convívio regular com os seus habitantes, alguns deles seus familiares, que muito terá contribuído para um conhecimento vasto e realista porque muito próximo do pulsar daquela população, particularmente no que diz respeito à linguagem protagonizada pelas gentes da Beira que ele próprio fazia questão de utilizar. Um exemplo desta assunção está bem

evidente na entrevista que deu a Igrejas Caeiro²⁷, onde revela, naturalmente, a fala da sua terra, quer através do emprego de “modismos”, quer nos aspectos fónicos. Saliente-se o chamado “s” reverso ou beirão, bem perceptível na entrevista.

O autor, nas suas diversas incursões pelo mundo da escrita, dos romances aos ensaios, à literatura infantil, revela, quer no que escreve ou mesmo na sua postura verbal, um apego à sua primeira linguagem, e através dela dá voz às serras e à Beira.

Sempre muito atento aos costumes locais, Aquilino era um estudioso da linguagem dos seus concidadãos, sempre entusiasmado com as recolhas de todas as expressões verbais. Note-se que levava ao extremo esta preocupação, dado que procedia às recolhas de informação nas situações mais diversas, quer se tratasse de um conflito entre pessoas, ocasiões mais emotivas, ou espontâneas. Embora sempre tenha negado essa postura como sendo uma intenção deliberada, a verdade é que encontramos nos seus escritos diversas provas de que terá procedido a recolha de informações sobre a linguagem da beira. Encontramos referências a essa intenção por parte do autor, quando se escreve que “ao desencadear-se alguma zaragata, entre mulheres ele escutava disfarçadamente o que diziam”²⁸. Por vezes pedia aos vizinhos para ouvirem as conversas e mais tarde convidava-os para sua casa no sentido de lhe relatarem o acontecido e traduzirem as expressões entretanto utilizadas. Este aspecto é bem perceptível no seguinte relato: “Quando havia muita coisa a referir, o romancista introduzia-os no escritório. Então, enquanto falavam, viam-no a escrever em papéis que, segundo disseram, rasgava depois de ter passado a limpo. Aquilino sabia que em momentos de conflito as pessoas da aldeia se exprimiam com mais espontaneidade e ímpeto, deixando escapar termos particularmente emotivos e expressivos ...”²⁹.

²⁷ Cassete Sasseti, *Guilda da música*, 1957.

²⁸ Verdelho, Evelina, *Linguagem Regional e Linguagem Popular*, 1982, p. 51.

²⁹ Idem.

Este apego à linguagem beirã está bem patente nas obras do autor. Saliente-se, a título de exemplo, o apreço que tinha pela fala dos beirões, quando afirma: “Fala-se ainda na Beira uma língua viva, buliçosa e branca como a água que sai da rocha, que deve entroncar em Fernão Lopes, passando por cima dos renascentistas, trabalhadores ao torno, e de toda a casta de literatos, que se venderam à francesia. É cheia de expressões breves e directas admiráveis quanto a traduzir movimento, cor, estados de alma.”³⁰

Ainda sobre a linguagem beirã utilizada de forma expressiva pelo autor, podemos considerar que *Batalha sem Fim* não será o melhor exemplo, dado que o referido romance é fruto de uma estadia breve de Aquilino na praia do Pedrógão.

O romance *Calcanhar do Mundo* de Vergílio Godinho, é mais um dos romances onde o autor evidencia o conhecimento da linguagem dos habitantes Ferreira do Zêzere, local onde se desenrola a acção, e onde nasceu e viveu parte da sua vida.

Nuno Montemor, pseudónimo de Joaquim Augusto Álvares de Almeida, revela, no romance *Maria Mim*, um conhecimento menos profundo da linguagem local, a aldeia de Quadrazais, dado que apenas ali terá passado a meninice³¹. Estudos posteriores, sobre a linguagem da população local, como *Quadrazais – Etnografia e Linguagem*,³² provam terem existido particularidades fonéticas, morfológicas e lexicais que não são referenciadas pelo autor de *Maria Mim*.

Como já foi referido, outro exemplo de um romance em que autor revela algum desconhecimento da linguagem local é *Batalha sem Fim*, dado que o autor não é natural do local onde se passa a acção. No mesmo sentido, pela leitura atenta da dedicatória do referido romance, pensamos que essa sensação é ainda mais evidente.

³⁰ Ribeiro, Aquilino, *Arcas Encoiradas*, p. 141.

³¹ Montemor, Nuno, *Maria Mim*, 1939, p.158.

³² Braga, Franklim, *Quadrazais – Etnografia e Linguagem*, 1971.

Pelo contrário, o autor do romance *Gentio Branco*³³, embora não seja natural de Monsul, local da acção, revela um razoável conhecimento da linguagem local.

Segundo Evelina Verdelho³⁴, o autor terá utilizado a audição de pessoas para se “municiar” de palavras e expressões da região, para o que muito contribuiu o facto de se ter hospedado em Monsul, em sítio estratégico, para melhor e de mais perto observar comportamentos, linguagem, usos e costumes dos monsulenses, cuja abertura à convivência com forasteiros, terá também contribuído para um melhor conhecimento da linguagem local.

Outro exemplo, corroborando a mesma perspectiva, é o de Sousa Costa, cuja paixão por S. João da Pesqueira, o leva a escrever o romance *Filhas do Pecado*³⁵, sobre esta localidade, de onde era natural a sua esposa, Emília de Sousa Costa.

O autor terá mesmo utilizado métodos arrojados, como surgir disfarçado em locais, para conseguir captar conversas dos pesqueirenses, sem que eles dessem pela sua presença. A paixão pelo local, leva o autor a referir-se à região como não havendo outro sítio, “onde a linguagem corrente do povo seja mais agradável ao ouvido, mais impregnada de suave lusitanismo, e simultaneamente mais embrenhada de termos, frases e anexins de exclusivo ou quase exclusivo usufruto local”³⁶. Entusiasmado com a descoberta desta linguagem local, escreve ainda: “E nós, as gentes de fora, ouvimos as locuções e os adágios, (...), em que não sibila o *che* de outros rincões da beira, em que não pesa o *an* do *tampo* usual de muitos dos fronteiros povoados transmontanos, e por vezes pomo-nos de atalaia ao engodo, na impressão de

³³ Rocha, Hugo, *Gentio Branco*, 1943.

³⁴ Verdelho, Evelina, *Linguagem Regional e Linguagem Popular*, p.53.

³⁵ Costa, Sousa, *Filhas do Pecado*, 1955.

³⁶ Costa, Sousa, *Fisionomia, expressão e pitoresco de certos vocábulos, locuções e adágios populares*, p. 3-4.

que nos mistificam – de que o povo não fala assim e que o ensinaram para nos deleitar”³⁷.

Face ao exposto, podemos concluir que os autores referidos tiveram acesso ao conhecimento da linguagem falada nos locais ou regiões onde decorre a acção dos seus romances, sendo que alguns personalizam mesmo essa linguagem, dada a sua empatia natural com o local, uma vez que ali nasceram, como é o caso de Aquilino, Manuel Ribeiro, Manuel António Ribeiro e Vergílio Godinho.

Por outro lado, apercebemo-nos facilmente do tom sentimental e por vezes lírico, quando se referem à linguagem regionalista, ou ainda à valorização evidente dos aspectos pitorescos, o que de algum modo pode evidenciar alguma falta de rigor nos factos linguísticos, particularmente no plano fónico.

Outro aspecto que nos merece referência é o que diz respeito à intenção de empregar linguagens locais. A utilização do dialecto falado nas regiões onde decorre a acção, foi manifestada em alguns romancistas. Note-se que o dilema entre a linguagem citadina e a regionalista esteve sempre bem patente na postura de Aquilino, cujo empenho na escola regionalista, o levou a valorizar o emprego da linguagem local em detrimento da oficial. Para ele, era na “serra” que encontrava a pureza das palavras, em contradição com a deturpação evidenciada pela linguagem utilizada na cidade, influenciada, naquele tempo, pela língua e cultura francesas (*Terras do Demo*, p.9).

Para Sousa Costa, a utilização da linguagem local prende-se com a necessidade de reconstruir a realidade local, através da sua geografia, valores e costumes, quando refere que “o romance não é apenas a efabulação de um drama de amor nos quatro actos sentimentais do antes e depois do casamento, visto ser também a reconstituição topográfica e social do Alto Douro, no seu

³⁷ Idem, p. 5.

épico arcaboço, no seu trabalho, nos seus costumes, no seu folclore, na sua linguagem, ...³⁸.

4. A Linguagem Regional nos Romances Regionalistas

Nos romances em estudo, é notória a presença de factos da linguagem regional. Propomo-nos agora identificar a que planos de linguagem pertencem, quer no plano fónico, morfológico, sintáctico ou lexical.

Parece-nos, no entanto, conveniente proceder a uma distinção entre linguagem regionalista e linguagem popular. Entre vários autores que se referem a esta questão, queremos salientar a chamada de atenção de Manuel Paiva Boléo para a necessária distinção entre as duas linguagens, tendo a esse propósito referido que a linguagem popular é a que fala o povo iletrado, em especial das aldeias; linguagem regional é a que usa um conjunto de pessoas de uma determinada região linguisticamente homogénea. “É aquilo a que Leite de Vasconcelos chamou de “dialectos” e a que prefiro dar a designação de falares (ex. falar minhoto, beirão, algarvio, etc.)”³⁹

Para José G. Herculano de Carvalho podemos encontrar de Trás-os-Montes ao Algarve, modos de falar característicos, distintos de região para região⁴⁰, considerando mesmo haver ainda dentro dessas regiões, “zonas menos caracterizadas por peculiaridades linguísticas (...) um algarvio do Barlavento, dentro da mesma província ou área dialectal, tem o seu modo de falar próprio, diverso de um algarvio do Sotavento”⁴¹

³⁸ Costa, Sousa, *Fisionomia, Expressão e Pítoresco de Certos Vocábulos, Locuções e Adágios Populares*, p. 4.

³⁹ Boléo, Manuel, 1974.

⁴⁰ *Teoria da Linguagem*, 1970, p. 297.

⁴¹ *idem*, p. 298.

No plano fónico, salientamos diversos factos linguísticos, com base nos romances *Gentio Branco* e *Sotavento*, pelo facto de aqui termos encontrado um vasto número de registos:

1. a vogal tónica nasal final *ã*, é substituída pelo ditongo *ão*, no falar minhoto. Na frase “cume ela bai *amanhão* pró Porto”⁴², a referida substituição é um facto confirmado por diversos autores quando se referem à linguagem dos minhotos. Trata-se de uma ditongação da vogal tónica nasal final, referida por Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva, em *O Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental*⁴³. No entanto há vozes discordantes, como é o caso de Luís F. Lindley, figura distinta na Linguística portuguesa, que considera que essa ditongação “não é exclusiva ou tipicamente minhota”⁴⁴;

2. a ausência de metafonia, como por exemplo *ó* aberto e o fechado, como “decóro”, na frase “Ando enfreumado do estômago. Se não, não lhe guardava decóro”⁴⁵, apontam para os falares nortenhos. Em *O Mapa dos dialectos* o autor considera a abertura do *ó*, por oposição à fala corrente, como uma característica do norte, particularmente na zona de Trás-os-Montes e também no Minho.

Estudos mais recentes confirmam este facto. Em *a Geografia dialectal e história do Português*⁴⁶, a autora considera que o *ão* é uma das variantes da terminação latina – ana, e acrescenta a este propósito que se trata

⁴² Rocha, Hugo, *Gentio Branco*, 1943, p. 94.

⁴³ Boléo, Manuel de Paiva, *Revista Portuguesa de Filologia*, 1947.

⁴⁴ Lindley Cintra, Luis 1964

⁴⁵ Rocha, Hugo, *Ressurreição dos Mortos*, p.73

⁴⁶ Maia, Clarinda, *A Geografia Dialectal e História do Português*, 1981.

de “um dos traços característicos das variedades idiomáticas da região minhota”⁴⁷;

3. outro facto detectado na linguagem regionalista, é a monotongação de ditongos quer nasais ou orais.

Em *Sotavento* encontramos vários exemplos deste facto, em que as formas *ai*, *ei*, *eu*, *ói*, são geralmente substituídas por ditongos reduzidos, como *á*, *ê*, *ó* e também *ô*.

Vejam-se os exemplos:

“As *tás* aves de arribação” (p.291) – *ai* por *á*;

“Esporear um macho *ô* dás aos *pedás*” (p.195) – *ou* por *ô*;

“Ai, que é bem *sê* do que tu precisavas” ” (p.75) – *ei* por *ê*.

À semelhança de Leite de Vasconcelos, em *Esquisse*, Clarinda Maia, em *Os Falares do Algarve*, refere-se à repugnância da linguagem meridional pelos ditongos. Este facto observa-se em formas monossilábicas bem como em polissilábicas, quer na sílaba tónica ou noutra qualquer posição.

Atente-se nas seguintes frases registadas na sua obra:

“Mas *ê*, também *sô* assinante com *sêscentos!* (p.81) – em sílaba inicial;

“E a gente só o vemos na terça – *fêra?! (p.88) – em sílaba medial;*

“Fui *ê* que *mandê* a Anica” (p.314) – em sílaba final.

Este facto, a monotongação de *ei* em *ê*, é assinalado por alguns dos autores já referenciados para este estudo, como um facto fonético que caracteriza os dialectos centro-meridionais.

Também o ditongo *eu* é substituído por *ê*, quer em monossílabos ou polissílabos. Para o reconhecimento do facto, atente-se nas frases seguintes, registadas em *Sotavento*:

⁴⁷ Idem, p. 86.

“Mas ôve: o tê afilhado...” (p.78)

“Pos ‘teve alguns anos ên Lisboa e *perdê* o sotaque” (p.153)

Da mesma forma encontramos a redução de *ói* por *ó* ou *ô*.

Em *Os Falares do Algarve*, a autora informa que invariavelmente este facto, a troca do *oi* por *ô*, acontece em toda a região algarvia.

É também notória a substituição do ditongo vogal nasal *âi*, que aparece na sílaba tónica final fazendo o plural em “*em*”, ou “*ens*” por uma dupla acentuação “*ém*” ou “*éns*”, à vogal *ê* como na frase “Tu *nên* tens fígados, homem? ” (p.126).

4. No que respeita ao consonantismo, existem factos bem patentes na expressão regional.

Tomando por exemplo a obra *Gentio Branco*, constatamos três factos linguísticos distintos:

4.1. a troca do *ch* por *tch*, em vocábulos como *tcheira-te* (p.42), *borratcho* (p.235), *bitcho* (p.195), *martchar* (p.275);

4.2. a troca do *l* pelo *r*, em “Esse num tem *curpa*” (p.243);

4.3. a troca do *b* pelo *v* é um registo repetido na referida obra, em palavras como *belha* (p. 232), *berdade* (p.243), *bomecê* (p. 44), *pobo* (p.233), ou em expressões como “Bem, s’ Rita, é qui a *debe lebar*” (p.275).

Esta mesma particularidade é um fenómeno fonético que caracteriza as gentes do norte. Para além de Leite de Vasconcelos, e Lindley Cintra, também num estudo mais recente, *A neutralização da oposição fonológica v/b em português*⁴⁸, a autora faz questão em destacar este facto linguístico, como característico da linguagem nortenha.

⁴⁸ Pinto, Adelina, 1980.

5. Factos Linguísticos Regionais no Plano Morfológico

No que diz respeito a particularidades da linguagem regional no plano morfológico, encontramos alguns factos, em especial na flexão do verbo “ser” e “trazer”. Particularmente quando conjugado na terceira pessoa do singular, encontramos diversos registos em *Gentio Branco*, onde sobressai a substituição de “fui” por *foi*, como por exemplo quando usa a expressão “Quem o matou foi eu, e mais ninguém” (p. 234). O verbo trazer sofre, também na terceira pessoa, a substituição de “trouxe” por *troixe*, ou *troufe* (p.94). Na conjugação do verbo vir, da mesma forma, regista-se a substituição de “veio” por *bêu* (p.159). Este facto é assinalado por Leite de Vasconcelos, em *Esquisse*, como característico de *Entre Douro e Minho* e também da *Beira*.

Outro aspecto curioso apontado por Hugo Rocha, é a substituição da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos “pôr”, “ter” e “vir”, resultando nas palavras *ponhem*, *tenhem* e *benhem*, como se pode observar nas expressões:

“E eu tenho aqui uns frasquinho que te *pônhem* fina de todo” (p. 220);

“Hoije é qu’ eles num *benhem*” (p.40);

“E diz qu’os tísecos *tenhem* o oubido muito apurado” (p. 172).

O emprego de certos sufixos, com características regionais, é também notório nas obras em estudo. Salientamos três factos, por serem usados de forma mais insistente em certas zonas. Em *Sotavento* aparece com carácter depreciativo o sufixo *alha*, como podemos observar na frase “Mas, tâmbên se vieste cá pa te prenderes por uma *moçalha* qualquer, nâ sê se fora melhor nâ teres vindo...” (p.321). Do mesmo modo, este facto é assinalado por Manuel de Paiva Boléo, no seu estudo sobre a linguagem algarvia.

Nas obras cuja acção local decorre mais a sul, como em *Planície Heróica*, *Sarça* ou *Sotavento*, verifica-se a utilização do sufixo *enho*, para assinalar nomes ligados a uma região, ou naturalidade, como “charrasquenho”,

referindo-se ao Homem da charneca, ou “serrenho” quando se refere ao homem da serra. Esta particularidade é um facto escrito na literatura popular local, como atesta a quadra recolhida em Castro Marim:

“Sou do Algarve, algarvia,
Sou do Barro, sou *barrenha*,
Sou do campo, campaniça,
Sou da Serra, sou *serrenha*”⁴⁹

Na obra de Manuel Ribeiro, outro dos factos observados é a utilização do sufixo *-oso*, como o vocábulo *revinhoso* (p.243), para se referir alguém de temperamento difícil; ou *camposa* (p.157), com o significado de espaçosa. Esta particularidade é, também, referida em *Linguagem Popular do Baixo Alentejo*⁵⁰, onde encontramos diversos adjectivos com esta terminação, caracterizando qualidades psíquicas ou físicas, como por exemplo *galioso* (p.143), para dizer bonito, ou *verdoso* (p.216), para dizer esverdeado.

Manuel Ribeiro, utiliza nas suas obras o sufixo *-uda*. Ao referir-se a uma personagem jovem, escreve assim: “Era uma dessas criaturinhas doces que brotam do bucolismo rústico das aldeias, como nos matos a fluorescência tímida da urze e do tojo; almas que são nectárias de sentimentos ternos em que o viver sem marulhos inquietos se espraiam em sorrisos vagos e suspiros lentos, e vapora à roda fluidos subtis de amorosidade e de simpatia. Uma *amoruda*, como se dizia ali, num termo doce e típico que definia admiravelmente este tipo de almas”⁵¹.

Os diminutivos de palavras terminadas em ditongo nasal, utilizados nos romances do Alentejo e do Algarve, estão documentados nessas obras, mais particularmente a substituição da terminação *-ão*, *-zinho* ou *-zito*. Veja-se, a

⁴⁹ Delgado, Joaquim, 1951. p.57.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ *Planície Heróica*, p.18.

título de exemplo, em *Planície Heróica*, a utilização dos vocábulos *bordanito* (p.63), em vez de *bordãozito*, *carvanito* (p.107), em vez de *carvãozinho*, ou ainda na obra *Sotavento* o vocábulo *tostanito* (p.358) em vez de *tostãozito*.

Esta particularidade da linguagem algarvia é sublinhada por Clarinda de Azevedo Maia.⁵²

No que à representação dos factos linguísticos regionais no plano sintáctico, diz respeito, a obra estudada que melhor reflecte este aspecto é a de Manuel Ribeiro, como por exemplo a utilização do gerúndio em substituição do infinito, geralmente precedido pela preposição *a*. Em *Planície Heróica*, pode ler-se: “O que eu estou *fazendo* mais ninguém faz” (p.85), ou ainda “... lá andamos *charruando* a folha” (p.292).

Alguns autores, como Paiva Boléo⁵³, Maria Helena Santos Silva e Clarinda Maia consideram esta representação como uma particularidade bastante característica do falar meridional.

Outro aspecto observado em *Planície Heróica*, é a utilização da expressão *ir à de* em vez de “ir à casa de”, como na frase “eu *vou-me à do* mestre Bento sapateiro, levar uns sapatos.” (p.141).

No que diz respeito ao inter-relacionamento entre as pessoas, em determinadas regiões existem formas de tratamento⁵⁴ características, ou modos particulares de tratamento, que são assinalados nos romances em estudo. Em *Gentio Branco*, por exemplo, quando um monsulense cumprimenta outro, encontramos um *s'* que antecede o nome da mulher ou homem a quem se dirige ou refere, como se pode observar nas frases seguintes:

“Boas tardes *s'* Quinzinho,(...). Eu queria falar a *s'* D. Natercinhas” (p.214)

⁵² Anteriormente citado.

⁵³ Boléo, Manuel de Paiva, (1904 – 1992). Nasceu em Idanha-a-Nova. A bibliografia de Manuel de Paiva Boléo até 1980 está elencada no primeiro volume da miscelânea que lhe foi oferecida em 1981: «Bibliografia de Manuel de Paiva Boléo», *Biblos*, 57, 1981, pp. VII-XLVIII.

⁵⁴ *Esquisse*, p.107-178; *Formas de Tratamento em língua Portuguesa*, 1972

“Natércia: olha que vai aí a filha da s’ Rita” (p.215).

Um modo particular de tratamento é o que nos apresenta o autor de *Planície Heróica*, onde os homens se tratam por compadres, sem que se encontre uma explicação plausível para o facto. Como exemplo, sublinhamos esta expressão numa conversa de “compadres” em que o autor escreve “Pois é verdade, *compadre* José Mingorra, lá andamos charruando a folha, em vindo Castro começa-se a estrafulha, pois então!” (p.289).

Os diminutivos hipocorísticos são aspectos particulares usados pelas pessoas quando se encontram, ou mesmo quando falam de outras que não se encontram presentes. Esta particularidade encontra-se nas várias obras em estudo. Quer em *Planície Heróica*, quer em *Sarça Ardente* ou em *Sotavento*, onde podemos constatar esse facto, tão frequente no Alentejo e no Algarve, que se nos revela pela utilização de palavras como *Conceiçanita* ou *Joanito*, que são diminutivos de Conceição e João.

Para além do diminutivo “Anica“, utilizado na conhecida cantiga, que sempre associamos ao sul e, particularmente, ao Algarve, surgem outros factos idênticos no romance em *Sotavento*, como a forma *Bia* para dizer “Maria“ e a forma *Blé* para dizer “Manuel“.

6. Regionalismos Lexicais

Em relação aos regionalismos lexicais, e muito particularmente aos vocábulos que temos referido, e que podemos incluir na classificação de “regionalismo“, queremos enquadrá-los numa graduação diversificada. Uns não se identificam com vocábulos da linguagem comum, quer na forma ou no sentido. Têm habitualmente uma acepção especial e designam realidades alusivas a locais, realidades específicas de uma região, ou realidades não locais. Outros, ainda que coincidam com a linguagem comum, são usados para designar realidades específicas dessa região.

Estes vocábulos são usados pelos romancistas, de forma diversa, quer em relação à quantidade registada ou à variedade na espécie.

Os factos lexicais regionais aparecem com pouca frequência nos romances do Minho, onde se revela mais regularmente a escrita comum. Em *Maria dos Tojos*, a utilização dos vocábulos *inverneiras* e *varandas* (pp.24-25), são dos poucos registos, uma excepção, na linguagem comum utilizada pelo autor. Por outro lado, as obras localizadas em Trás-os-Montes revisitam, de forma exaustiva, o vocabulário utilizado pelas pessoas que ali vivem. Um exemplo dessa preocupação é bem patente no romance *Por entre Fraguedos*⁵⁵, onde temos acesso a uma explicação pormenorizada dos termos utilizados no léxico mirandense, com a particularidade de o autor utilizar notas de rodapé, para fornecer informação detalhada sobre os mesmos. Entre os inúmeros vocábulos utilizados no romance, queremos salientar apenas alguns registos, pertencentes a domínios tão diversos como os animais, as partes do corpo do suíno, a vegetação local, os trabalhos agrícolas e o fabrico do pão.

Na referida obra, encontramos nomes regionais para animais:

canhona (p.112) para designar cabra velha,
goubela (p.243) para designar galinha de pescoço pelado,
parreco (p.116) para designar pato.

O autor utiliza nomes característicos de Mirandela para as partes do corpo do suíno, depois de morto:

couracha (p.53) para designar pele,
lombelos (p.51) para designar lombinhos;
suâ (p.51) para designar os ossos da espinha;
ubre (p. 53) para designar estômago;

⁵⁵ Ribeiro, Manuel António, 1941.

No que respeita à vegetação local surgem nomes como:

chícharos (p.112) para designar feijões-frades;

ervanço (p.112) para designar grão-de-bico;

galela (p.309) para designar uma uva esquecida depois da vindima.

Com a leitura das obras de Sousa Costa, sobressaem dois temas ligados ao norte: o vinho do Porto e o barco Rabelo. No que respeita ao primeiro tema o autor transporta-nos para uma actividade regional que encobre um vasto conjunto de operações necessárias para o cultivo do Vinho do Porto. Para o efeito, utiliza um sem número de vocábulos relacionados com esta actividade, tão característica da região do Douro. Com uma ênfase particular, o autor conduz o leitor pela saga da vinha, e de forma quase épica refere: “Os primeiros gestos feitos em prol da vinha são quase bélicos, pois é precioso conquistar arduamente o ninho onde será deposta a sepa: entra então em acção a parilha de trabalhadores que broca um bloco de xisto para o tiro de dinamite. O mais fraca figura sustenta a broca do sacrifício, o mais forçoso ataca o *pistolão*, de marreta em punho, a fortes marretadas – enquanto o grosso da *ranchada, rei, rainha e vassalos*, num dos socalcos de meia encosta, já arroteado a ferro e fogo, a abrir os valados que hão-de receber a videira, outros, mais acima, a construírem, pedra a pedra, os muros dos socalcos, as bancadas do anfiteatro, a graça do presépio onde há-de vir à luz o Menino-Mosto”⁵⁶.

Note-se que, para melhor percepção do leitor, o autor explica de forma minuciosa e clara todo o processo e seus intervenientes, quando escreve “O rei, o mais possante, na extrema direita, atira a alavanca com o aprumo de um Hércules na arena do circo – como se pretendesse reconstruir a época

⁵⁶ *Filhas do Pecado*, p. 70.

orgulhosa do coliseu formidável.”⁵⁷ Mais adiante, depois de fazer referência à *rainha*, escreve ainda que entre os dois, *rei* e *rainha*, “os vassallos, enterrados até à cintura, abrem o leito em que a videira e o xisto hão-de celebrar as suas bodas, ser vida nova, beleza e regozijo frutuoso”⁵⁸.

Em *Ressurreição dos Mortos* é retratado o trabalho árduo dos homens nos cemitérios de plantas, os *mortórios*, causados pela invasão da peste filoxera, que transformam, depois de uma luta herculeana, em verdadeiros jardins.

No romance *Filhas do Pecado*, o autor escreve uma ode ao cultivo da vinha, da vindima e do vinho.

Sobre a vinha, escreve que depois de plantada a videira, “a *ranchada*, manuseando *ranholas*, enxadões de dois bicos, revolve a terra seca, cava os bardos simétricos, liberta as sepas da grama e do escalracho”⁵⁹.

Acerca da vindima, trabalho efectuado por mulheres, que cortam as uvas e as lançam nas *cestas varezas*, que depois despejam para uns *cestos víndimos*, mais altos e cónicos, que são posteriormente transportados pelos homens para o lagar (p. 159).

No que ao vinho diz respeito, escreve ainda: “Os pisadores alinham no tanque meado de uvas, (...). Cabeças ao léu, calças arregaçadas, em mangas de camisa, em fila serrada, cingidos pelos ombros, avançam e recuam, pisam e repisam, em resfôlegos rítmicos, como se ensaiassem o paço difícil de ganso da marcha tudesca”⁶⁰. Depois da trasfega, ou seja, do transporte do mosto para as cubas, “é necessário ainda fazer a *lota*, tratamento com aguardente e a *colagem*, filtragem com claras de ovos e gelatina”⁶¹.

⁵⁷ *Ressurreição*, p. 43.

⁵⁸ *Idem*.

⁵⁹ *Filhas do Pecado*, p.128.

⁶⁰ *Idem*, p.177.

⁶¹ *Idem* p. 194.

Em *Ressurreição dos Mortos*, Sousa Costa descreve de forma particular o barco *Rabelo*. Trata-se de uma embarcação típica para transportar o vinho do Porto, entre o Alto Douro e o Porto. O autor, recorrendo a vocábulos específicos da zona, oferece-nos uma explicação exaustiva das partes que o compõem, bem como da sua funcionalidade. Tomem-se como exemplos os seguintes vocábulos:

Apegada (p.50) – ponte de governo do barco;

Espadela (p.50) – leme do barco;

Cabresto (p. 49) – corda que liga à espadela;

Sagro (p. 50) – fundo do barco.

Esta terminologia é confirmada por outros autores, como Alves Redol em *Porto Manso*, ao retratar a vida dura dos “marinheiros” do barco *Rabelo*, ou Armando de Mattos⁶² em *O Barco Rabelo*.

Sousa Costa utiliza também um conjunto de vocábulos tipicamente locais, particularmente em *Ressurreição dos Mortos*. Tomem-se como exemplos os registos que a seguir referimos:

a) substantivos:

Ama de água (p. 126) – aguadeira;

Cascudo (p. 136) – murro;

Catroio (p. 113) – rédea dos cavalos e burros;

*Gogo*⁶³ (p. 135) – pedra pequena;

Pulha – costume carnavalesco que consistia em falar com funil no alto do monte⁶⁴;

⁶² Armando de Mattos, *O Barco Rabelo*, 1940.

⁶³ O mesmo nome é atribuído às pedras da *Ribeira Caía* na *Beira Baixa*.

⁶⁴ À semelhança do *Chorar do Entrudo*, na *Beira Baixa*.

Sapa (p.324) – desabamento de terras.

b) adjectivos:

Calatrão (p.318) – pessoa com mau aspecto;

Avelada (p.341) – terra abandonada;

Fatinário (p.12) – patife;

Incréu (p.135) – pessoa incomodativa;

Louquinha (p. 65) – planta viçosa;

Pringinho (p. 187) – aplica-se a uma pessoa sem valor;

Escalafrino (p. 87) – maroto.

c) verbos:

Chisnar (p.13) – esturrar a comida;

Estonar (p.71) – bater em alguém;

Escoçar (p. 340) – esvaziar uma vasilha;

Fintar-se (p.136) – acreditar em alguém;

Arrigar (p. 302) – arrancar.

Nos romances cuja acção se desenrola em terras alentejanas, podemos encontrar muitos registos que caracterizam a linguagem meridional. Repare-se nos vocábulos que representam nomes de profissões diversas ou outros particularmente ligados à faina agrícola ou à natureza.

Em *Planície Heróica*, são referidos nomes de profissão como:

maioral (p. 152), para designar o pastor principal do rebanho;

ajuda (p. 152) – auxiliar do maioral;

rabadão (p. 112) – chefe dos pastores de ovelhas.

Outros registos referem-se a aspectos ligados à natureza, como:

adiafa (p. 79) – refeição abundante após o trabalho;
çafões (p.5) – espécie de calças de pele, usadas na lavoura e pastoreio;
ciranda (p. 95) – espécie de crivo;
malhada (p. 154) – cabana de pastor;
*garrocho*⁶⁵ (p.61) – pau afiado e curto, usado para apertar as cordas que seguram a carga no dorso do animal.

Para além destes registos pretendemos, ainda, salientar outros vocábulos usados pelo autor, que também caracterizam a linguagem alentejana.

a) substantivos:

Calma (p.16) – calor;
Enleadas (p. 235) – intrigas;
Falca (p. 122) – esmola;
Função (p. 239) – festa, comezaina;
Milhadura (p. 151) – gorjeta;
matrafice (p. 124) – bruxaria;
teslinice (p. 123) – patetice;
estrafuna (p. 39) – azáfama.

b) adjectivos:

Escalhavarda (p. 66) – amalucada;
Estafanário (p. 274) – estroina, gastador;
Estio (p. 22) – debilitado, magro;
Encharnicado (p. 248) – irritadiço, violento.

⁶⁵ O mesmo nome é usado na Beira Baixa no mesmo sentido.

c) verbos:

Amalhofar-se (p. 107) – aninhar-se;

Arneirar (p. 84) – juntar cereal ceifado para fazer molhos;

Cabedar (p. 254) – receber presente;

Carcachar (p. 123) – dar gargalhadas;

Estronchar (p. 135) – limpar a árvore.

Em relação às particularidades do falar algarvio, encontramos no romance *Sotavento* diversos registos, como:

*açoteia*⁶⁶ (p.125), para designar o terraço por cima da casa;

ganhão (p. 145), para o trabalhador rural;

griséu (p.366), para espécie de ervilha que se cultiva em zona específica do Algarve.

No que diz respeito aos romances que referem locais da Beira, a linguagem registada é bastante variada de autor para autor, sobretudo no que respeita a factos linguísticos regionais, no plano lexical.

Ao contrário do que acontece nos romances *Calcanhar do Mundo*⁶⁷ e *Maria Mim*⁶⁸, onde são raros os vocábulos característicos desta zona raiana, apesar da utilização de vocábulos populares no primeiro e de alguns característicos no segundo, como *capeia* para designar uma típica corrida de touros e *azagueios* para se referir aos chamamentos dos rapazes às raparigas é nas obras de Aquilino Ribeiro, e particularmente em *Terras do Demo*, que encontramos um vasto conjunto de vocábulos e particularidades de um léxico que, ainda, hoje, é utilizado pelas gentes de Soutosa, Ariz e Vila Nova de Paiva.

⁶⁶ Terraço utilizado também para a secagem de frutos.

⁶⁷ Godinho, Vergílio, 1944.

⁶⁸ Montemor, Nuno, 1939.

Na verdade, “o facto de possível confirmação para quem quer que se disponha a entrar em contacto directo com os conterrâneos de Aquilino, é significativo, não só em relação à obra Aquiliniana, mas também à própria região. Esta revelou-se-me de uma riqueza linguística notável, (...), um tesouro cultural de valor insuspeitado...”⁶⁹.

A autora refere, ainda, o contacto com “Mestre Zé”, personagem típica de Soutosa, misto de pedreiro e agricultor, que nos momentos livres escreve o seu próprio romance de Soutosa, no sentido de contar toda a verdade dos factos, dado que, na sua perspectiva, Aquilino terá alterado alguns aspectos relacionados com acontecimentos locais.

Em *Batalha sem Fim*, cuja acção se desenrola na Praia do Pedrógão, o autor utiliza diversos factos linguísticos do plano lexical, traduzidos por vocábulos que pertencem a uma terminologia que designa ou revela particularidades da actividade piscatória local, e que embora sejam estranhos ao comum cidadão, são banais para quem a ali habita. São exemplos os seguintes vocábulos locais:

Adriça (p. 41) – cabo para içar as velas;

Bicas (p. 339) – extremidades da proa e da ré;

Chicote (p. 13) – cabo pequeno que liga partes da rede⁷⁰;

Espinel (p. 48) – aparelho de pesca com vários anzóis;

Majoeira (p. 48) – pequena rede de pesca que se usa na baixa-mar;

Meia-lua (p. 10) – espécie de barco de pesca costeira, com o fundo chato e proa e popa em bico. Usa-se em Pedrógão e noutros lugares da costa portuguesa,

Muleta (p. 9) – vara comprida com um gancho na ponta, que serve para empurrar o barco para o mar.

⁶⁹ Verdelho, Evelina, 1982.

⁷⁰ Ana Maria Lopes regista com o mesmo sentido o vocábulo *checote*, utilizado pelos pescadores da Póvoa do Varzim.

Nas obras em estudo, e no que diz respeito à utilização pelos autores de vocábulos e locuções regionais com valor pronominal, adverbial, prepositivo ou interjectivo, apenas são referidos alguns factos linguísticos, dado que a sua utilização ainda não está devidamente esclarecida. Por outro lado a bibliografia dialectológica disponível é escassa. No entanto pode afirmar-se que a atitude dos autores é semelhante na utilização dos substantivos, adjectivos e verbos.

Esta situação é particularmente evidente nos romances de Trás-os-Montes e Alentejo. Atente-se na frase seguinte, em *Por entre Fraguados*: “Peguei em *tantinhas* castanhas que leva no bolso da saia e atirei-as lá para dentro” (p. 113) – a forma *tantinhas* é usada como na língua padrão “algumas, “umas poucas”. Esta forma e variantes são variedades idiomáticas características de Trás-os-Montes⁷¹.

No que respeita à utilização de locuções com valor adverbial, registamos os vocábulos *à leva* (p. 314) e *à sirga* (p.47), usados em *Ressurreição dos Mortos*, para designar o movimento do *Rabelo*, conforme os “marinheiros” aproveitam a corrente natural do rio ou se, por outro lado têm de intervir na condução do barco.

Em *Planície Heróica* o autor coloca na voz de um personagem rústico a seguinte frase: “peguei no sono, pendeu-me a cabeça e caiu-me o *chapéu de mangualde* em riba do fogo”. A expressão *de mangualde*, surge com o significado de “cima para baixo”.

Ainda com sentido idêntico, é utilizada outra locução *cair de mangualde*⁷², quando se quer referir a alguém que deu um grande tombo, e é referenciada como sendo utilizada em todo o Algarve e Alentejo.

Também na mesma obra, na frase “e seguiu *d’ em-par* do carro, à berma do caminho” (p. 107), surge a locução prepositiva *em par de* com o significado

⁷¹ Vasconcelos, Leite, Dialectos transmontanos, in *Revista Lusitana*, p.119.

⁷² Carvalho, Herculano, 1953.

“a par de”, documentada sobre textos populares desta região em *A linguagem do Baixo Alentejo*⁷³.

Relativamente à utilização de formas linguísticas com valor interjectivo, encontramos a forma *bô*, quer sozinha, acompanhada com a exclamação “ah” ou ainda em sua substituição. Por exemplo, Sousa Costa utiliza-a no diálogo “... digo-lhe que te doía No enquadramento desta obra encontramos ainda outras expressões de valor interjectivo, como *quer não*, particularmente característica de S. João da Pesqueira, registada na frase: “Nem me lembrei de que há luar (...). E, *quer não* sempre afugentava as faticheiras” (p. 15), ou ainda expressões exclamativas como “*Hé boi da areia! Hé pata-rachada !*” (p. 314), também utilizadas por Alves Redol em *Porto Manso*.

Expressões características dos nortenhos são as que encontramos nas obras de Sousa Costa. Um aspecto curioso é a expressão *or’ olha* onde é visível a apócope da vogal final do vocábulo “ora”, quando este aparece junto do verbo “olhar”, como em *Ressurreição do Mortos*:

“*Or’ olhe* ó patrão. Lá vem o fidalgo...” (p.317) e “Ó senhor homem do cavalo, *or’ olhe!* Prenda lá o catroio e venha comer um gacho e beber uma pinga” (p.133)

Em *Gentio Branco*, Hugo Rocha utiliza a mesma expressão na frase “*Or’ olha: senta-te aqui e diz comigo esta reza*” (p.220).

8. Modismos e Ditados Regionais

No que diz respeito à utilização de modismos e ditados regionais, podemos considerar as seguintes variantes:

⁷³ Delgado, Joaquim, p.118.

1. Modismos

1.1. Exemplos de modismos da região do Alto Douro, na linguagem utilizada por Sousa Costa:

fazer loja (Filhas, p. 128) – quando o nevoeiro não desce;

Ir na espinha (Ressurreição, p. 110) – quando o Rio Douro leva pouca água;

Ir na mãe (Ressurreição, p. 49) – com o mesmo sentido da expressão anterior;

Não valer água (Ressurreição, p. 10) – não ter capacidade para fazer determinada acção;

Ter uma aquidade de alguém (Ressurreição, p. 126) – receber algo de alguém.

1.2. Com Manuel Ribeiro descobrimos exemplos de modismos característicos no falar do Alentejo

*Dar cabaço*⁷⁴ (Planície. 252) – recusar a corte;

Dar pensão (Ressurreição, p. 110) – causar incómodo;

Dar creto (Planície. 163) – acreditar;

Ter fezes (Planície. 246) – ter preocupações.

2. Ditados Regionais

Nas obras em estudo são utilizados ditados que podem mencionar topónimos da região como neste registo em Terras do demo “... *a galinha de*

⁷⁴ Esta expressão também aparece na quadra recolhida por M.J. Delgado, em *Linguagem Popular do Baixo Alentejo*.

Celorico pranta os ovos pelo bico” (p.264), ou se relacionam com o local da acção como em *Ressurreição dos Mortos* “*quem na cachucha mal desce, no olho de cabra padece*” (p.315). À semelhança de outros, estes ditados, revelam também o sentido da utilização de referências locais na perspectiva da escola da vida.

Outros aspectos que queremos salientar na linguagem popular, utilizada nos romances regionais, são os que dizem respeito ao plano fónico. Neste propósito queremos referir algumas particularidades relativas ao vocalismo.

A substituição de vogais orais tónicas por outras é um facto incontornável na linguagem popular. São exemplos disso quer a troca da vogal oral tónica “u” pelo *i*, em *arrima-lhe* em vez de “arruma-lhe” com na frase: “*Arrima-lhe Teresinha! Já ganhas-te para um almude!*”⁷⁵; ou ainda a troca do ô pelo â, como na frase “*receitou-lhe uns pose para o estâmagô, ...coitadinha.*”⁷⁶

Estas e outras variantes podem ser consultadas na *Revista Lusitana*, que também refere, por exemplo, a utilização da forma *arrimar* quer no Minho, em Trás-os-Montes, na Beira e no Alentejo.

Outro fenómeno detectado refere-se à substituição de vogais orais átonas, por outras. Queremos salientar a troca do “e” pelo *a*, pelo facto de termos notado a sua regular aplicação na linguagem popular utilizada nos romances em estudo. Em *Gentio Branco* surgem vocábulos como *Jasus* em vez de “Jesus” (p. 30), *janarosa* em vez de “generosa” (p. 186). Em *Planície Heróica* surge *samear* em vez de “semear”, como na frase: “O que havia mais era mato bravo, e *sameava-se* só à roda do povo e das herdades” (p. 108).

Reconhecemos nestes factos linguísticos a tendência para a substituição de vogais átonas, sobretudo do “e” pelo *a*.

Outros exemplos prendem-se com as trocas:

Do “o” pelo é – “que vossemecê *précúra*, meu patrão?”;

⁷⁵ *Terras do Demo*, p. 258.

⁷⁶ *Calcanhar do Mundo*, p. 119.

Do “i” pelo e – *bezinhas* (*Gentio*, p. 243); *Felomena* (*Terras*, p. 22);
Do “o” e do “u” pelo e – *belota* (*Gentio*, p. 44), *nateral* (*Gentio*, p. 159);
Do “e” pelo i – *fitchada* (*Gentio* p.220);
Do “o” pelo u – *buber* (*Gentio*, p. 21).

Leite de Vasconcelos, em *Esquisse*, assinala a troca do “o” e do “u” pelo e, ou do “e” pelo i, como sendo utilizada na linguagem popular de todo o País.

A troca da vogal nasal tónica “ê” por â surge no registo “*antre e assante-se*” (*Planície Heróica*, p. 34).

Este facto linguístico tem um carácter não local, e isso é reconhecido em *Mapa dos Dialectos*, como sendo utilizado pelos habitantes da zona ocidental transmontana, e também é de utilização comum na linguagem utilizada na Beira e no Algarve.

Outros factos que observamos remetem para a troca de “ã” e de “e” por ã. Aqueles foram observados em diversas regiões do País, nomeadamente no Norte, Centro, Estremadura⁷⁷, Alentejo⁷⁸ e Algarve⁷⁹.

Relativamente à substituição de ditongos, encontramos a troca de “ou” e “au” por oi, em sílaba tónica, como em *Gentio Branco*, na frase: “Dai-me nesta bida a graça e na *oitra* a saurbação”.(p. 22).

Em sílaba átona, esta acontece em *Terras do Demo*, na frase: “Vieram-lhe *soidades* das berças e da mulher” (p.180), à semelhança do que acontece em *Sarça Ardente* na frase: “quem anda a matar *soidades*” (p. 130). Em *Terras do Demo* registamos, ainda, a substituição em sílaba átona, de “au”, por u, como no vocábulo *utópsia* em vez de “autópsia”.

Outro aspecto diz respeito à redução da terminação “em”, que na linguagem oral corresponde o ditongo nasal átono “ãi”, por uma vogal átona

⁷⁷ Cf. *Esquisse*, p. 86.

⁷⁸ Machado, Guerreiro, *Colos*, p. 331.

⁷⁹ Estanco Louro, ob.cit., p. 188.

oral e, como acontece nos vocábulos *home*, em vez de “homem”; *birge* em vez de “virgem”; *curaige* em vez de “coragem” (*Gentio Branco*, pp. 234, 43, 214).

Esta particularidade da linguagem regional, ganha com a utilização de *home* em vez de “homem” uma abrangência mais vasta, dado que é considerada a sua utilização em diversas regiões como nos falares interamnenses, em Lisboa e no Algarve, como afirmam os autores Leite de Vasconcelos⁸⁰, Maria Helena Mira⁸¹ e Estanco Louro⁸², respectivamente.

Sobre a substituição de consoantes, encontramos, nas obras em estudo, a troca de “qu” por *c*, como na frase: “ Ó rapariga bai a casa por um satchola, *incanto* eu espero aqui” (*Gentio Branco*, p. 172); ou ainda na perda do *u*, como nos registos: *q’ando*, *q’ase*, *q’antas* (*Sotavento*, pp. 126, 83, 313).

Este fenómeno é assinalado como tendo sido utilizado desde há muito na linguagem popular⁸³.

Na utilização do verbo “guardar” a forma “gu” é substituída pela consoante *g*, como acontece em *Gentio Branco* na frase: “ Deus Noss’Sinhor a tenha lá bem *gardada*” (p. 195). Em *Terras do Demo* acontece algo semelhante com o verbo “minguar”, como na frase: “As manhãs já *mingaram* bem *mingadas*” (p. 249).

Outro facto linguístico prende-se com a substituição da forma “cre” *por cuar*, como em *Gentio Branco*, no registo *acuardito* em vez de “acredito” (p. 172); ou ainda a substituição da forma “gra” por *guar*, como na frase: “Munto aguardecida!” (p. 205).

Nos romances estudados, demos, ainda, conta dos seguintes fenómenos linguísticos:

⁸⁰ *Opúsculos*, Vol II, p. 493.

⁸¹ Cf. ob. cit., p. 47.

⁸² Cf. *Livro de Alportel*, p. 244.

⁸³ Cf. Nunes, José, *Compêndio de Gramática Histórica*, pp. 98,99.

a) aférese – desaparecimento da vogal “a” no registo *inda* em vez de ainda, como nos seguintes exemplos:

“... *Inda* num ‘stás sastifeita?” (*Gentio Branco*, p.36);

“... aos figos lampos, *inda* verdes?” (*Ressurreição dos Mortos*, p. 87);

“... *Inda* há pouco nasceu e já vem fero, o sujeito” (*Calcanhar do Mundo*, p. 110);

b) aglutinação – ao contrário do fenómeno anterior, neste caso surge o acrescento da vogal “a” no início da palavra, como nos registos seguintes: *aceifa* (*Planície Heróica*, p. 62); *alembrança* (*Ressurreição dos Mortos*, p. 336); *alagoa* (*Terras do Demo*, p. 136);

c) assimilação – este fenómeno é muito frequente na linguagem popular utilizada nas obras em estudo:

“Eu *tamém* como pãozinho” (*Gentio Branco*, p. 36) – assimilação do “b” pelo “m”;

“...se o nosso comer não tem mais *sustância* que o caldo verde que vossemecês lá comem” (*Planície Heróica*, p. 22). Note-se que este registo também aparece em outras obras como, por exemplo em *Ressurreição dos Mortos* (p. 64), e em *Terras do Demo* (p. 53);

d) atracção – na linguagem popular de todo o país, regista-se este fenómeno da atracção do “i” e do “u” para a sílaba tónica, como nos seguintes exemplos:

“O meu *Antóino* adoeceu este ano passado!” (*Planície Heróica*, p. 129);

“Nunca se deitava sem meter os pés na *auga*” (*Gentio Branco*, p. 37);

“*Auginha* fresca!” (*Terras do Demo*, p. 285);

e) desnasalização – à semelhança de *home* e *birge*, anteriormente assinaladas, outra desnasalização surge o registo *átão* em vez de “então” (*Gentio Branco*, p. 231), (*Sotavento*, p. 88);

f) epêntese – como exemplos desta particularidade relativa a fenómenos fonéticos, surgem as formas *adúbio* em vez de “adubo” (*Planície Heróica*, p. 110); *desgrácia* em vez de “desgraça” (*Ressurreição dos Mortos*, p. 222); *patarrábias* em vez de “beterrabas” (*Calcanhar do Mundo*, p. 160). A epêntese do “s” e do “r” estão representadas nas formas *astreve-te* e *bonecros* (*Terras do Demo*, p. 286);

g) haplogia – a substituição do vocábulo “cirurgião” por *surgião* (*Por Entre Fraguados*, p. 16), bem como do vocábulo “administrador” por *admistrador* ou *mistrador*, são fenómenos fonéticos de linguagem popular, que pelo facto de serem pronunciados por pessoas que quase não sabem ler e escrever, podem ser interpretados oralmente de forma diversa;

h) metátese – a troca de posição do “r” com o “e” está registada em *Gentio Branco* nas formas *bregonha*, em vez de “vergonha” (p.210); *perciso* em vez de “preciso” (p. 156). A troca de posição do “r” com o “o” é utilizada na mesma obra, nas formas *dromir* em vez de “dormir” (p. 43); *proquê* em vez de “porquê” (p. 21). Este fenómeno surge também em *Filhas do Pecado*, na frase: “E só me estrova o andar...” (p. 179);

i) nasalização – este fenómeno da nasalização das vogais átonas, acontece em *Gentio Branco*, particularmente em vocábulos começados por a e e, como por exemplo nas formas *inté* em vez de “até” (p. 221), *imbacuar* em vez de evacuar (p. 265), *infeito* em vez de enfeito (p. 221);

j) prótese – este fenómeno linguístico surge frequentemente nos romances regionalistas.

Ainda no romance *Gentio Branco*, encontramos os registos: *alembre-se* em vez de “lembre-se” (p. 123); *arresulvi-me* em vez de “resulvi-me” (p. 205); e

assossega em vez de “sossega “ (p.43), como na frase: “Stá a gente a dromir e num assossega”.

Em *Ressurreição dos Mortos*, do mesmo modo, surgem as formas *arrebentar* em vez de rebentar (p.123) e *arrecuar* (recuar p. 135), como na frase: “O pior é que o vulto em vez de *arrecuar*, crescera para a frente”.

Em *Terras do Demo* surge, igualmente, *alevantar-se* (“levantar-se”, p. 31), *alimpar* (“limpar”, p. 108), *assucedeu* (“sucedeu”, p.249), e *arruído* (“ruído”, p.288), como na frase: “Tanta cara tanto *arruído*, causam-me medo”.

Em *Calcanhar do Mundo*, como em *Batalha sem Fim* e em *Planície Heróica* encontramos diversos exemplos deste fenómeno.

l) síncope – este fenómeno, da queda da vogal átona, podemos observar quer em sílaba pré-tónica ou pós-tónica. No primeiro caso a utilização da forma *Catrina* em vez de “Catarina”, (*Planície Heróica*, p. 27) e ainda *Fedorico* em vez de “Federico” (*Terras do Demo*, p. 31). No segundo caso encontramos a forma *arbre* em vez de “árvore” (*Gentio Branco*, p. 43).

No que respeita à fonética sintáctica, encontramos várias locuções que servem de exemplos para assinalarmos a utilização de *lo* e *la* , em vez dos artigos definidos “o” e “a” quando junto do advérbio de quantidade “mais”, por assimilação do “s” e do “l”, como nas frases:

“Apresentaram-se as moças, *mai-lo* galeguito.” (*Terras do Demo*, p. 29).

“Ora isto é o que já cuntaba a minha santa abó, que Deus tenha, *mai-la* minha santa mãe.” (*Gentio Branco*, p. 197).

“Dou a jorna *maila* coira da minha senhora”. (*Batalha sem Fim*, p. 70).

Este fenómeno repete-se nos romances que se desenrolam quer no Baixo Minho quer no Baixo Alentejo. Ocorrem, também, em alguns romances, casos de próclise, como a substituição de “não” por *num* como nas frases:

“Cantai ... que ides beber *num* tarda nada...” (Ressurreição dos Mortos, p. 34);

“Ó mulher: *num* era preciso lebantar’s-te tão cedo.” (Gentio Branco, p.156).

Outro exemplo de próclise, surge, quando a forma *má* aparece, invariavelmente, em substituição quer de “má” quer de “mau”, como na frase: “Ó meu beato António, que tanto gadinho guardas-te de *má* bicho, de *má* bicha, de *má* lobo, de *má* raposa, de *má* homem e de *má* mulher” (*Terras do Demo*, p. 325). Esta expressão, no entender de José Joaquim Nunes⁸⁴, parece fazer parte da linguagem popular desde há muito tempo. Outra variante é a troca de “em” por *im*, como na frase: “Fala-me *im* termos” (*Gentio Branco*, p. 22).

No plano morfológico, salientamos factos da linguagem popular, particularmente relacionados com a flexão dos verbos, dos nomes e dos pronomes.

No que respeita à flexão de verbos, o romance *Gentio Branco* é particularmente rico em registos da linguagem popular. Entre as várias particularidades ali encontradas, queremos salientar a junção do –s na segunda pessoa do plural do pretérito perfeito simples de todas as conjugações, como demonstram as seguintes formas: *andastes* em vez de “andaste” (p. 234); *destes* em vez de “deste” (p. 21); *fostes* em vez de “foste” (p. 231); *oubistes* em vez de “ouviste” (p. 21); como na expressão “e já *regastes* o milho?” (p.21). Esta particularidade, segundo Leite de Vasconcelos é observada em todas as regiões do país⁸⁵.

Outra particularidade na flexão verbal, prende-se com o verbo haver. Na mesma obra são utilizadas as formas *hades* em vez de “hás-de” (p. 22); *habera* em vez de “houvera” (p. 44).

⁸⁴ Cf. *Compêndio de Gramática Histórica*, p. 81.

⁸⁵ Cf. *Esquise*, p. 111.

No romance *Ressurreição dos Mortos*, surge, também, a forma *vareia* em vez de “*varia*”, como na letra de uma cantiga “... à vista desses teus olhos, / Quem tem juízo *vareia*” (p. 51). Esta particularidade resulta, no entender de Leite de Vasconcelos, de uma confusão que o povo faz com ao pronúnciar os verbos terminados em –ear com os verbos terminados em –iar⁸⁶. Para este autor, a forma –emos, utilizada no romance de Hugo Rocha, na primeira pessoa do plural do presente do indicativo, como nos vocábulos *paguemos* em vez de “*pagamos*” (p. 230); *semos* em vez de *somos* (p. 200), acontecem “numa grande parte do país, tanto no norte como no sul, (...) talvez por influência de “*temos*” e “*havemos*”, cujo emprego é muito frequente na conjugação perifrástica⁸⁷.

Em *Terras do Demo* encontramos as formas *olhaide* (p. 282), para a segunda pessoa do plural do imperativo do verbo olhar; *sende* (p. 57), para a segunda pessoa do plural do imperativo do verbo ser.

No romance *Por entre Fraguados*, o autor utiliza a forma *ande* (P. 258), em vez de “*hão-de*” como no texto da cantiga: “Procurai ó sete estrelas / que bem no *ande* saber (,,,)”

No que respeita a factos relacionados com o emprego de nomes, queremos salientar a formação e emprego de plurais na linguagem popular.

No romance *Por entre Fraguados*, encontramos o vocábulo *cidadões* em vez de *cidadãos*. Este facto é, no entender de Leite de Vasconcelos, uma mera confusão na formação dos plurais de *aõ*⁸⁸. Refere ainda que o vocábulo *leisses* (p.37) e *posés* (p.139), empregue por Vergílio Godinho à semelhança de *pésés* existe em todo o país, e resulta de uma tendência para a duplicação de plurais por analogia com os vocábulos “*nozes*” e “*vozes*”.

⁸⁶ Cf. idem, p. 117.

⁸⁷ Cf. idem, pp 111-112.

⁸⁸ Cf. *Esquise*, p. 104.

Nos romances em estudo, outro facto observado é a utilização do plural em vez do singular, como acontece em *Gentio Branco*, quando a mãe ameaça a filha dizendo “Olha que te dou nesses *focinhos!*” (p. 241).

A utilização de plurais na linguagem de Aquilino é particularmente expressiva, quando em *Terras do Demo* refere “Seus olhos liam melhor na cordilheira longínqua a chuva e a neve do que um padre a palavra de Deus nos *latins* da missa.” (p. 20), ou, mais adiante, “Aquilo é dos ares das outras bandas, que são bravos, e pintam o rosto como lagarto. É o que te digo: *saõs* como os nossos, não há por esses *mundos* de Cristo” (p. 35).

Em outros romances, como *Calcanhar do Mundo*, são referidos plurais de países e continentes como na frase: “Todos os dias fogem braços para as Áfricas e Brasis” (p. 212).

No que concerne ao género, o vocábulo *fim* aparece no romance *Ressurreição*, utilizado no feminino, como na frase: “Aquilo foi cantar e bailar que parecia a *fim* do mundo” (p. 302).

Para alguns autores, citados na *Revista Lusitana*, trata-se de uma particularidade na linguagem popular de várias regiões como o Minho, Trás-os-Montes, Algarve ou Açores.

Quanto à utilização de vocábulos no feminino, em vez do masculino utilizado na linguagem padrão, encontramos em *Terras do Demo* diversos vocábulos como *coruta*, (p. 58), *pacta* (p. 174) e *risa* (p. 68). Atente-se na frase “Andassem os seus bem embora descalços e rotos, comessem de seco ou de molhado, fossem ou não fossem *risa* e *chacota* do mundo.”

Em *Planície Heróica* registamos *escandolas* em vez de “escândalo”, ainda que com o significado de ofensa, como na frase “Alguém o ofendeu na nossa casa? Tem *escandolas* ali d’alguém?” (p.189).

A substituição de “a” por o, acontece no mesmo romance, quando o velho “couteleiro” afirma “Perdi-lhe o *conto*” (p. 108).

A linguagem popular revela-se mesmo criativa quanto foge à regra, alterando o género normal das palavras, para dar mais ênfase à expressão, como em *Terras do demo*, na frase: “Deus permita que hoje mesmo se te veja

a casa esborralhada! Deus permita, e que fiques por baixo como uma *sapa*” (p. 20).

O emprego de prefixos e sufixos na linguagem popular é uma constante e estão normalmente ligados à ideia de conotação. Em *Terras do Demo* encontramos a locução *ao destempo* (p.320) e em *Ressureição* a locução *desinfeliz*, como na frase: “Conviria aplicar compressas nas cadeiras da *desinfeliz*” (p.168). De forma idêntica surgem outros vocábulos como *desinquieta* e *desingrata*.

No que respeita ao emprego de sufixos encontramos diversos registos e queremos salientar os seguintes:

-*aço* (*aça*) – “querem vocemessês saberem duma parte que me asucedeu noutra *diaço*?” (*Terras do Demo*, p. 318);

-*ada* – “Os relâmpagos varriam o céu de lés a lés com uma *foiçada* de lume” (*Terras do Demo*, p. 57).

-*agem* (*age*) – “cuidavas tu que ia manter-se a *familagem* ... a noiva, a feiticeira da velha, o lambodas do Bispo?” (*Terras do Demo*, p. 80).

-*ama* – “Pagam ao senhor governo fatia grada, à senhora camara um destempero, à senhora junta ... tudo farta *dinheirama*”. (*Calcanhar do Mundo*, p. 32)

-*ana* – “proferiu o Joaquim Bica bamboleando a cabeça de *cornambana*, tão enfeitada que, às vezes que se fazia notadiço, a todos se representava de veado”. (p. 315).

-*ança* - “Não se dá jornal: a *papança*, graças ao tio Manuel das Uchinhas, está garantida” (*Batalha sem Fim*, p. 325).

-*uço* – “ainda tem *bachalhuço*?” (*Terras do Demo*, p. 195).

-*ulho* – “Ano farto do *mortulho* aquele em que casou Florinda e morreu a Ramalha do tio Brás.” (*Terras do Demo*, p.88).

Capítulo II

Textos Orais Recolhidos no Paul

1. Método de Recolha

Para a recolha das letras das cantigas quisemos ouvir em primeiro lugar as personagens locais idóneas, dado que tivemos ainda essa oportunidade preciosa, particularmente pelo valor genuíno da sua entoação fónica. Estes textos foram recolhidos em 2008, no Paul, e resultam aproximadamente numa hora de gravação.

As personagens deste diálogo são a *Ti Bitriz do Zé da Izilda*⁸⁹, a irmã *Ti T'resa do Ti Alberto Carvalho*. Para não desvirtuar as marcas dos falantes, optámos por não transcrever os textos. Assim, apresentam-se os mesmos no CD em anexo.

⁸⁹ Esta denominação, é proveniente do marido, que era filho da Ezilda.

Breve Abordagem Lexical (Referente ao CD)

Quadro com vocábulos utilizados pelos falantes:

Tipologia	Paul	Padrão	Exemplo no CD
nomes			
	<i>azitonas</i>	Azeitonas	
	<i>mulêra</i>	Moleira	“ A ti Zita <i>mulêra</i> ”
	<i>tchuquim</i>	Sr. Joaquim	
	<i>noiti</i>	noite	“regávamos de <i>noiti</i> pa lua”
adjectivos	<i>sonsa</i>	ingénua	
Verbos	<i>forem</i>	foram	“ <i>forem</i> lá muntos dromir”
	<i>tchequem</i>	cheguem	“Cum ess’ iscada num <i>tchequem</i> lá”
	<i>ditámozas</i>	Deitá-mo- las	“e <i>ditámozas p’ó sacco até fcar tcheio</i> ”
	<i>fcar</i>	ficar	Idem
	<i>roçar</i>	cortar	“íamos <i>roçar</i> mato”
	<i>ditei</i>	deitei	“num me <i>ditei</i> ”
locuções	<i>smên’zo</i>	só menos ?	“..é um merda <i>smên’zo</i> ”
	<i>Dar o fanico</i>	Desmaiar	“e num é que lhe <i>deu um fanico e fcou-se!</i> ”
	<i>Indabenão</i>	de repente	“ <i>indabenão</i> davaz ma topadela e lá íamos nós pó tchão”
	<i>Botar à bulha</i>	zaragatear	“tornavam-se a botar à bulha”

Nesta breve recolha de vocábulos utilizados pelos falantes, pretendemos salientar alguns fenómenos linguísticos que, por um lado, se assemelham a outros, usados nos romances estudados e se referem a outras regiões, e, por outro lado, aqueles que nos parecem mais característicos do falar beirão, particularmente do Paul.

No primeiro caso, surgem aspectos linguísticos diversos, como a metátese que se revela na utilização do registo *dromir* em vez de “dormir”, à semelhança do que acontece em *Gentio Branco* ou ainda a troca do *ch* por *tch*, em vocábulos como *tchgavem* em vez de “chegavam” como na frase “*tchgavem* à rebêra e faziem as pazes” (CD. 17:34), à semelhança de *tcheira-te* (p.42), ou *martchar* (p.275) na mesma obra.

Capítulo III

Estudo Lexicométrico de Textos Orais

1. Método de Recolha

O processo de recolha dos textos agora apresentados assentou em dois pressupostos fundamentais: O primeiro remete para a necessidade de ouvir as vozes genuínas para uma interpretação fiel do “antigamente”. Nesse sentido, seleccionámos quatro personagens sendo dois homens e duas mulheres, todos com mais de setenta anos, nascidos e criados e vividos na, agora, Vila do Paul; o segundo transporta-nos para a necessidade de enquadrar a recolha dos falares tanto quanto possível no seu ambiente natural, como por exemplo a recolha das vozes da vindima no decorrer da mesma.

Para este trabalho, apenas nos limitámos a recolher os falares tradicionais locais, em ambiente de conversa ao redor da lareira, as personagens femininas, e, em volta do tear, a voz masculina.

Num futuro próximo, gostaríamos de proceder a esse levantamento etnográfico efectuando a recolha enquanto ganha vida o ciclo da terra, em consonância com as efemérides religiosas locais e regionais.

2. Letras das Cantigas Recolhidas

2.1. FARRAPEIRA

O MINHA FARRAPEIRINHA
O MINHA TROCA FARRAPOS
TENHO UMA CAMISA NOVA
TODA CHEIA DE BURACOS

O MINHA FARRAPEIRINHA
O MINHA FARRAPEIRELA
O MEU PAI É MUITO RICO
TEM MACACOS Á JANELA

ENCONTREI A FARRAPEIRA
LÁ NO ALTO DA PORTELA
A MODA DA FARRAPEIRA
É BONITA E GOSTO DELA

CHAMASTE-ME FARRAPEIRA
Ó MEU GRANDE FARRAPÃO
FARRAPEIRA É VOCE
MAIS A SUA GERAÇÃO

AS ARMAS DO MEU ADUFE
SÃO DE PAU DE LARANJEIRA
QUEM HOVER DE TOCAR NELAS
HÁ-DE TER A MÃO LIGEIRA

2.2. COLETINHO AOS RAMOS

MEU COLETINHO AOS RAMOS
MANDEI-O BORDAR NO PORTO
DEUS QUEIRA QUE VENHA LINDO
QUE VENHA BORDADINHO AO MEU GOSTO

EU TENHO QUATRO COLETES
TODOS QUATRO POR TALHAR
INDA PEÇA ESTÁ NA TENDA
Ó AI O DINHEIRO POR GANHAR

TOMA LÁ COLCHETES DE OIRO
APERTA O TEU COLETINHO
CORAÇÃO QUE É MEU E TEU
Ó AI DEVE ANDAR APERTADINHO

MEU COLETINHO AOS RAMOS
NEM ME ALARGA NEM ME APERTA
O LADRÃO DO ALFAIATE
Ó AI O QUE TEVE A MÃO DE CERTA

2.3. CANTIGA DOS PASTORES

CANTA A ROLA LÁ NO ALTO
NO CIMO DE UM CASTANHEIRO
MENINA GUARDE UM SEGREDO
PARA MIM QUE EU SOU SOLTEIRO

CANTA O PINTASSILGO
CANTÓ LAMIRÉ
CANTÓ PINTASSILGO
TRAILARILOLÉ

ESTÁS LINDA ESTÁS BELA
ASSIM É QUE É
EU GOSTO BEM DELA
TRAILARILOLÉ

A ROLA LÁ NO PINHAL
CANTA A SUA CANTIGUINHA
TAMBÉM MEU CORAÇÃO CANTA
COM A ESPERANÇA DE SERES MINHA

2.4. RAPAZ DA CASAQUITA

AI, JÁ TE NÃO LEMBRAS Ó ANA
AI, JÁ TE NÃO LEMBRAS Ó ANA
AI, DAQUELAS NOITES DE VERÃO
AI DAQUELAS NOITES DE VERÃO
EM QUE EU CONTAVA AS ESTRELAS,
EM QUE EU CONTAVA AS ESTRELAS
AI, EU AS AREIAS DO CHÃO
AI, EU AS AREIAS DO CHÃO

VERDEGAIO, VERDEGAIO VERDEGUITA
VERDEGAIO, VERDEGAIO, VERDEGUITA
AI AGORA É QUE EU VOU AO MEIO
AI O RAPAZ DA CASAQUITA

AI, JÁ TE NÃO LEMBRAS Ó ANA
AI, JÁ TE NÃO LEMBRAS Ó ANA
AI, DAQUELAS NOITES DE VERÃO
AI, DAQUELAS NOITES DE VERÃO
EM QUE TE DISSE AS MINHAS MÁGOAS
EM QUE EU TE DISSE AS MINHAS MÁGOAS
AI, AMOR DO MEU CORAÇÃO
AI, AMOR DO MEU CORAÇÃO

VERDEGAIO, VERDEGAIO VERDEGUITA
VERDEGAIO, VERDEGAIO, VERDEGUITA
AI AGORA É QUE EU VOU AO MEIO
AI O RAPAZ DA CASAQUITA

2.5. LAVADEIRA

LAVA, LAVA, LAVADEIRA
NA RIBEIRA DO PAUL
PÕE A ROUPINHA A BRILHAR
COMO OURO SOBRE AZUL

A RIBEIRA DO PAUL
ENCANTO DAS RAPARIGAS
QUE DESFIAM QUANDO LAVAM
SEU ROSÁRIO DE CANTIGAS

BATE LAVADEIRA,
LAVADEIRA BATE
QUE AS NOSSAS CANTIGAS
NÃO TÊM REMATE

AMIEIROS DA RIBEIRA
ONDE TENDES A RAIZ
DEBAIXO DO LAVADOR
ONDE LAVA A BEATRIZ

FUI À RIBEIRA LACAR
LEVOU-ME A ÁGUA O SABÃO
LAVEI A ROUPA COM ROSAS
FICOU-ME O CHEIRO NA MÃO

BATE LAVADEIRA,
LAVADEIRA BATE
QUE AS NOSSAS CANTIGAS
NÃO TÊM REMATE

2.6. TECEDEIRA BRIOSA

A TECEDEIRA BRIOSA
TEM UM TEAR E NÃO TECE
Ó ELA ANDA DE AMORES
OU O TEAR LHE ABORRECE
A TECEDEIRA BRIOSA
AI, TEM UM TERAR E NÃO TECE

NAMOREI A TECEDEIRA
PELO BURACO DA CHAVE
MINHA PORTA ESTÁ FECHADA
ÀS DESORAS NÃO SE ABRE
NAMOREI A TECEDEIRA
AI PELO BURACO DA CHAVE

NAMOREI A TECEDEIRA
PELO BURACO DO PANO
ESTAVA ZUMPA CATAPUMPA
NÃO ME DAVA O DESENGANO
NAMOREI A TECEDEIRA
AI PELO BURACO DO PANO

CHORAI CANELAS CHORAI
JÁ MORREU A TECEDEIRA
QUANDO AS CANELAS CHORAM
QUE FARÁ A LANÇADEIRA.

2.7. S. JOÃO DOS BEBADOS

EU HEI-DE IR AO S. JOÃO, S. JOAO, S. JOAO
MAIS A MINHA VELHA RUSSA, S, JOAO, S. JOAO
QUEM TEM RAIVA QUE ENRAIVEÇA, S. JOAO, S. JOAO
QUEM TEM CATARRO QUE TUSSA, S. JOAO, S. JOAO

S. JOAO PRA VER AS MOÇAS, S. JOAO, S. JOAO
FEZ UMA FONTE DE PRATA, S. JOAO, S. JOAO
ELAS NÃO QUEREM LA IR , S. JOAO, S. JOAO
S. JOAO TODO SE MATA, S. JOAO, S. JOAO

VENHA MATO GROSSO PRA GENTE QUEIMAR
S. JOAO É NOSSO FOGUETES AO AR
E CADA MANEL TEM SUA MARIA
E CADA MARIA LÁ TEM O SEU PAR

S. JOAO ERA BOM SANTO
SE NÃO FOSSE TAO GAIATO
LEVOU AS MOÇAS A FONTE
LEVOU TRÊS E TROUXE QUATRO

VENHA MATO GROSSO P'RA GENTE QUEIMAR
S. JOAO É NOSSO FOGUETES AO AR
E CADA MANEL TEM SUA MARIA
E CADA MARIA LÁ TEM O SEU PAR

2.8. S. JOAO ANTIGO

EU HEI-DE IR AO S. JOAO
E O MEU MARIDO NÃO QUER
DEIXAI-O IR PARA FORA
QUE EU FAREI O QUE QUISER

NAQUELA RELVINHA VERDE
FOI A MINHA PERDIÇÃO
PERDI O MEU ANEL D'OIRO
NA NOITE DE S. JOAO

NÃO É PELO ANEL D'OIRO
É SÓ PELO QUE DIRÃO
DIZEM QUE EU SOU UMA PERDIDA
PERCO TUDO QUANTO ME DÃO

S. JOAO SUBIU AO CEU
A REGAR O SEU JARDIM
TOUXE UM CRAVO A SANT'ANA
UMA ROSA A S.JOQUIM

S. JOAO LÁ VAI LÁ VAI
SE LÁ VAI DEIXAI-O IR
ELE É MENINO E MOÇO
VAI AO CEU E TORNA A VIR

2.9. PASTORA

ANDANDO A PASTORA
AO LONGO DA RIBEIRA
TIRA-TE DO SOL
DO SOL QUE TE QUEIMA

O SOL NÃO ME QUEIMA
JÁ ESTOU CALEJADA
DO RIGOR DA CHUVA
DO SABOR DA CALMA

DÊ-ME A SUA CESTA
E O SEU CAJADO
QUE LHAS VOU GUARDAR
COM TODO O CUIDADO

NÃO QUERO CRIADOS
DE MEIAS DE SEDA
QUE SE ROMPEM TODAS
POR ESSAS ESTEVAS

Ó GENTE DO POVO
ACUDAM AO GADO
FUGIU A PASTORA
COM SEU NAMORADO

SE ELA FUGIU
DEIXAI-LA FUGIR
QUE A GENTE DO POVO
NÃO LHE HÁ-DE ACUDIR

3. Pautas das Cantigas

3.1. A Farrapeira

♩ = 80

Ó mi - nha far - ra - pei - ri - nha ò mi - nha tro - ca far -
ra - pos ò meu bem ò mi - nha tro - ca far -
ra - pos te - nh'u - ma ca - mi - sa no - va to - da chei - a de bu -
ra - cos la - ri - lo - le - la to - da chei - a de bu -
ra - cos ò mi - nha far - ra - pei - ri - nha ò mi - nha tro - ca far -
ra - pos la - ri - lo - le - la la - ri - lo -
le - la la - ri - lo - le - la la - ri - lo - le - la

3.2. Coletinho aos Ramos

♩ = 130

Meu co - le - ti - nho aos ra - mos man - dei - o bor - dar no

1. Por - to..... 2. Meu Por - to..... Deus quei - ra que ve - nha

lin - do que ve - nha bor - da - di - nho'a meu gos - to Deus

2. gos - to 1. lemb - bra - te'ò A - na..... 2. lemb - bra - te'a - in - da

da - que - la noi - te for - mo - sa'e lin - da..... Ai não te'es-

que - ças de no - vas tu - as nem um mo - men - to me'es - que - ceu a-

1. in - da..... 2. Ai não te'es - in - da.....

♩ = 135

3.3. Cantiga dos Pastores

$\text{♩} = 170$

Can-ta'a ro - la lá no al - to no ci- mo d'um
cas - ta - nhei - ro me- ni - na guar-de'um se-
gre - do pa - ra mim que sou sol - tei - ro
1.
2.
tei - ro can- ta'o pin- tas- sil - go can - ta La Mi
1.
2.
Re can - ta'o pin - tas - sil - go trai - la - ri - lo - lé can -
lé 'stás lin - da 'stás be - la as - sim é que é eu
1. 2.
gos- to bem de- la trai - la - ri - lo - lé 'stás ...lé

3.4. Rapaz da Casaquita

Expressivo

Ai já te não lem-bras ó A.....na Ai da-que-las noi-tes de Verão
 Em qu'eu te disse'as mi-nhas má goas Ai a-mor do meu co-ra-ção

Ver-de gai-o ver-de gai-o ver-de gui-ta Ver-de
 gai-o ver-de gai-o ver-de gui-ta Ai a-go-ra'é qu'eu vou ao
 mei-o Ai o ra-paz da ca-sa-qui-ta Ai-a-qui-ta

3.5. Lavadeira

♩ = 92 - 95

La - va la - va la - va - dei - ra na ri -
bei - ra do Pa - ú - l(e) põe a rou - pi - nha'a bri -
lha - r(e) co - mo oi - ro so - bre'a - zul põe a ..zul

♩ = 130

Ba - t'la - va - dei - ra la - va - dei - ra ba - te que'as tu - as can -
ti - gas não têm re - ma - te ma - te

3.6. A Tecedeira Briosa

Expressivo

A te - ce - dei - ra bri - o - sa A te - ce - dei -
ó e - la an - da d'a - mo - res ó e - la an -

ra bri - o - sa tem um te - ar e não
da d'a - mo - res ou o te - ar lhe'a - bor -

te - ce ai tem um te - ar e não te - ce
re - ce ai ou o te - ar lhe'a - bor - re - ce

A te - ce - dei - ra bri - o - sa ai tem

um te - ar e não te - ce

3.7. S. João dos Bêbados

♩ = 80

Eu hei-de'ir ao São Jo-ão
Quem tem rai-va qu'en-rai-ves-sa São Jo-ão São Jo-

ão mais a mi-nha ve-lha rus-sa.
quem tem ca-tar-ro que tus-sa.

São Jo-ão São Jo-ão. São Jo-ão.

Ve-nha ma-to gros-so p'ra gen-te quei-mar São Jo-ão é

nos-so fo-gue-tes no ar. E ca-da Ma-nel tem

su-a Ma-ri-a. E ca-da Ma-ri-a lá

tem o seu par. par.

3.8. S. João Antigo

Largo

Eu hei- de ir ao São Jo-ão.....e ai o meu
xai-o ir pa- ra fo.....- ra e ai que'eu fa-
ma - ri - do não que.....r(e). Dei-
rei o que qui - ze.....r(e).
Na-que - la rel - vi - nha ver- de foi a mi - nha per - di-
ção. Per- di o meu a.....- nel d'oi.... - ro na..... noi-
te de São... Jo - ão. Per- di ão.

3.9. Rimance da pastora

Lento

Ò gen - te do po - vo a - cu - dam ao ga - do

fu - giu a pas - to - ra com seu na - mo - ra - do

4. Estudo Lexicométrico

PASTORA		LAVADEIRA		RAPAZ DA CASAQUITA	
<u>Palavras</u>	<u>Contagem</u>	<u>Palavras</u>	<u>Contagem</u>	<u>Palavras</u>	<u>Contagem</u>
a	4	amieiros	7	agora	2
andando	1	as	1	ai	10
ao	1	azul	2	amor	2
cajado	1	bate	1	ana	4
que	1	que	4	ao	2
calma	1	beatriz	4	areias	1
dê-me	1	fui	1	as	2
cesta	1	brilhar	1	casaquita	4
chuva	1	como	1	chão	2
criados	1	cantigas	1	da	1
de	1	não	3	daquelas	4
cuidado	1	cheiro	1	de	4
não	1	como	1	disse	2
da	1	da	1	do	4
do	3	das	1	em	1
ela	5	de	1	estrelas	2
essas	1	desfiam	1	eu	7
estevas	1	do	1	já	4
estou	1	ficou-me	3	lembras	4
fugir	1	lavar	1	meio	2
fugiu	1	lavadeira	1	meu	2
deixá-la	2	na	1	minhas	2
gado	1	lavador	1	mágoas	2
gente	1	onde	1	noites	4
há-de	2	lavam	1	não	4
já	1	seu	1	que	1
lhas	1	mão	1	rapaz	6
lhe	1	na	1	te	1
longo	1	nossas	1	verdegaio	6
me	1	ouro	2	verdeguita	12
meias	1	paul	2	verão	4
namorado	1	encanto	2	vou	2
se	1	quando	1	É	2
não	1	raiz	1	Ó	2
pastora	1	debaixo	1		
ao	2	raparigas	1		
com	1	que	1		
povo	1	remate	1		
acudam	1	ribeira	1		
que	1	onde	4		
queima	1	rosas	1		
quero	1	rosário	1		

ribeira	1	roupa	1
tira-te	1	roupinha	1
rigor	1	sabão	1
rompem	1	lavei	1
sabor	1	sobre	1
se	1	tendes	1
seda	1	têm	1
que	1	à	2
seu	1	água	1
sol	1		1
sua	2		
te	3		
todas	1		
por	1		
todo	1		
voltar	1		
com	1		
vou	1		

COLETINHO		S.JOÃO DOS BÊBADOS		S. JOÃO ANTIGO	
Palavras	Contagem	Palavras	Contagem	Palavras	Contagem
ai	1	ao	3	anel	2
alarga	3	ar	2	ao	3
alfaiate	1	as	2	céu	1
andar	2	bom	1	cravo	1
ao	1	cada	4	de	1
aos	1	catarro	1	deixai-o	2
aperta	1	de	1	dirão	1
apertadinho	1	elas	1	dizem	1
bordadinho	1	enraiveça	1	d'oiro	1
bordar	1	era	1	dão	2
colchetes	1	eu	1	ele	1
coletes	1	fez	1	eu	3
coletinho	1	foguetes	2	farei	1
coração	1	fonte	2	foi	1
de	1	fosse	1	fora	1
deus	2	gaiata	1	hei-de	1
deve	1	gente	2	ir	3
dinheiro	1	grosso	2	jardim	1
do	1	hei-de	1	joão	4
está	1	ir	2	joaquim	1
eu	1	joão	22	já	3
ganhar	1	lá	1	marido	1
ladrão	1	levou	2	me	1
lindo	1	mais	1	menino	1
já	1	manel	2	meu	2
mandei-o	1	maria	4	minha	1
me	1	mata	1	moço	1
meu	1	mato	2	noite	1
mão	2	minha	2	não	1
na	3	moças	1	naquela	1
nem	1	nosso	2	para	1
no	1	não	2	pelo	2
oiro	2	par	2	perco	1
peça	1	pra	3	perdi	1
por	3	prata	1	perdida	1
porto	1	quatro	1	perdição	1
quatro	1	que	2	quanto	1
que	2	queimar	2	que	3
queira	1	quem	1	quer	1
ramos	2	querem	1	quiser	1
talhar	3	raiva	1	regar	1
tenda	1	rusa	1	relvinha	1
tenho	2	santos	1	rosa	2

teu	1	se	1	sant'ana	1
teve	1	seu	2	se	1
venha	1	sua	2	seu	1
É	1	tao	1	sou	1
		tem	6	subiu	1
		todo	1	só	1
		três	1	torna	1
		truxe	1	trouxe	1
		tussa	1	tudo	1
		uma	1	um	1
		velhs	1	uma	1
		venha	1	vai	4
		ver	1	verde	1
		É	2	É	2

FARRAPEIRA		TECEDEIRA		FADO DOS PASTORES	
Palavras	Contagem	Palavras	Contagem	Palavras	Contagem
adufe	1	aborrece	1	alto	1
alto	1	abre	1	assim	1
armas	1	amores	1	bela	1
bonita	1	anda	1	bem	1
buracos	1	ai	4	canta	4
camisa	1	às	2	cantiguinha	1
chamaste-me	1	briosa	4	castanheiro	1
cheia	1	buraco	2	cimo	1
da	2	canelas	2	com	1
de	4	catapumpa	2	coração	1
dela	1	chave	2	de	2
do	1	chorai	1	dela	1
encontrei	1	choram	2	esperança	1
farrapão	1	da	1	estás	4
farrapeira	1	dava	1	eu	2
farrapeirela	3	de	1	gosto	1
farrapeirinha	2	desengano	1	guarde	1
geração	1	desoras	2	lamiré	4
gosto	1	do	1	linda	1
grande	1	ela	1	menina	1
há-de	1	estava	1	meu	1
houver	1	está	1	mim	1
janela	1	fará	1	no	3
laranjeira	1	fechada	1	para	1
lá?	1	lançadeira	1	pinhal	1
macacos	1	lhe	1	pintassilgo	2
mais	2	minha	1	que	2
mão	1	morreu	3	rola	2
meu	3	namorei	2	segredo	1
minha	4	não	2	seres	1
moda	1	ou	2	solteiro	1
muito	1	pano	3	sou	1
nelas	1	pelo	1	sua	1
no	1	porta	1	também	1
nova	1	quando	1	trailerilolé	4
pai	1	se	2	um	2
pau	1	tear	2	É	2
portela	1	tece	2		
rico	1	tecedeira	7		
sua	1	tem	2		
são	1	um	2		
tem	1				
ter	1				

tocar	1
toda	1
troca	1
uma	1
você	1
Á	1
É	3
Ó	1

Conclusão

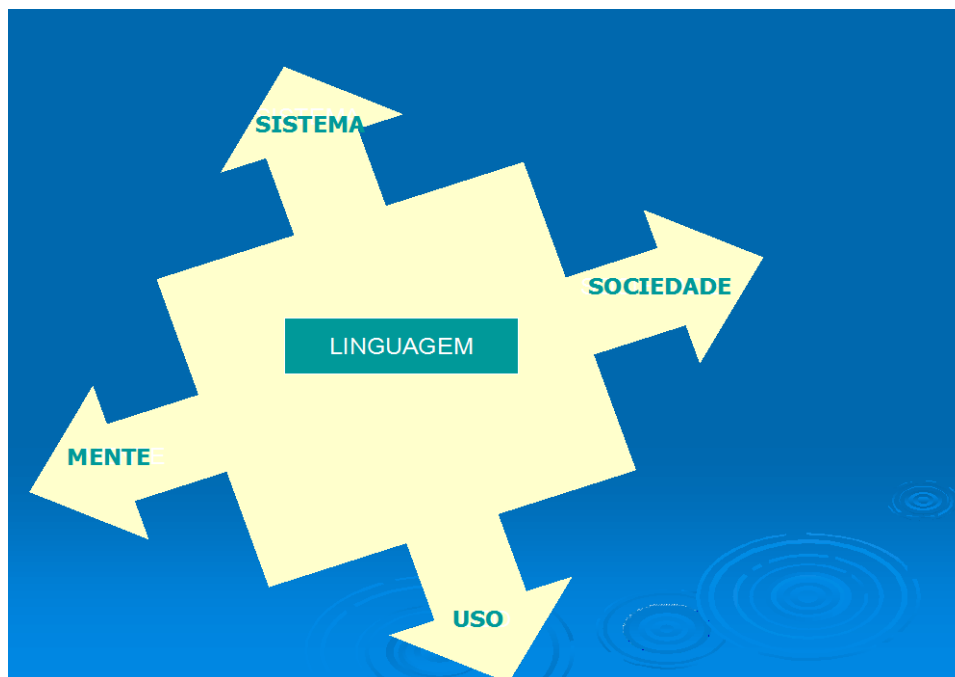
O estudo apresentado é de cariz sociolinguístico e socorre-se da Linguística Quantitativa aplicada a um estudo de carácter lexicométrico. Embora os textos analisados sejam de cariz popular, na verdade, na língua, coloca-se a questão: existem formas de prestígio e formas que facilmente são estigmatizadas. As formas aqui estudadas são, em nosso entender, formas de arte: fruto da sabedoria popular, fruto do devir de um povo. As relações entre prestígio, 'status' e poder tornam-se, portanto, mais claras, se tomarmos como ponto de referência os conceitos de classe e 'status'. No que concerne ao primeiro, a divisão de classes tem a sua origem na produção e aquisição de bens. Quanto ao segundo, tem a sua fonte nos níveis de consumo e no estilo de vida. Mas, embora se trate de conceitos diferentes, na prática, estão ligados.

Labov utiliza o conceito de prestígio de acordo com as pessoas que o detêm e face a situações em que é utilizado, através de um estudo empírico. Assim, embora o conceito de prestígio assente em pressupostos de cariz sociológico, também necessita de uma abordagem de natureza linguística, ou seja, o prestígio que advém do uso social que uma língua tem numa comunidade onde se fala apenas uma única língua. Não se trata de comparar o prestígio conseguido por determinada língua em relação a outras, mas sim a relação entre falante – uso da língua – prestígio. Porém, para compreendermos esta relação tridimensional de prestígio linguístico torna-se necessário recorrer a dois suportes: a estrutura linguística (a linguística do uso ou do funcionamento do sistema) e a estrutura sociológica (da comunidade em que se realiza).

Em relação às metodologias usadas nos estudos sociolinguísticos, elas variam consoante os objectivos pretendidos. No entanto, utilizam sempre o mesmo método para recolher dados ao nível da realização de línguas, através

da observação, registo, entrevista, inquérito, entre outros, sendo os modelos de W. Labov e L. Milroy os mais utilizados.

A língua tem, na verdade, um carácter múltiplo:



Assim, finalizamos com o título que deu o mote a esta dissertação: *A Língua como forma de Arte – Em busca da semântica lexical em textos populares no concelho da Covilhã*. Indiscutivelmente, este trouxe-nos desafios interpretativos que nos permitem um crescimento enquanto indivíduos integrantes e interventivos de uma sociedade. Ao alargarmos o nosso background linguístico e cultural, procurámos sentidos, concretizámos realidades libertadoras, num diálogo aberto e plural, cujos laços de entendimento com a nossa realidade local vieram dar ecos e interpretações mais profundas a outras vozes e, conseqüentemente, a outros discursos.

De facto, produzidos por homens e por mulheres, condicionados por factores de vária ordem, pressupondo códigos e estilos que enformam uma determinada época, os textos analisados, embora sem corpo nem rosto, a par de uma riquíssima tradição popular, proporcionaram-nos o convívio de forma mais íntima, com o entrelaçar de vozes e sentidos onde a língua foi arte mestre e matriz.

BIBLIOGRAFIA

1. Romances regionalistas estudados:

COSTA, Sousa, *As Filhas do Pecado*. 2ª ed., 4º milhar, Porto, Editorial Alice Félix & C: Lda, 1955, 354 pp.

COSTA, Sousa, *Ressurreição dos Mortos*. 3ª ed., 6.0 milhar, Porto, Editorial Alice Félix & Cª Lda, 1955, 367 pp.

FERREIRA, Barros, *Maria dos Tojos*. Porto, Editora Educação Nacional, 1938.

GODINHO, Vergílio, *Calcanhar do Mundo*. 4ª ed., Lisboa, Portugália Editora, s. d., 323 pp.

MONTEMOR, Nuno de, *Maria Mim*. 3ª ed., Lisboa, União Gráfica, s. d.

RIBEIRO, Aquilino, *A Batalha sem Fim*. Lisboa, Livraria Bertrand, 1972, 352 pp.

RIBEIRO, Aquilino, *Terras do Demo*. Lisboa, Livraria Bertrand, 1963, 356 pp.

RIBEIRO, Manuel António, *Por entre Fraguados*. Romance de costumes trasmontanos, 1ª ed., Vila Nova de Famalicão, Tipografia Minerva, 1941, 328 pp.

RIBEIRO, Manuel, *A Planície Heróica*. Nova edição, Lisboa, Guimarães & Cª, I s. d., 295 pp.

RIBEIRO, Manuel, *Seara Ardente*. Crónica sentimental dum amorudo. Lisboa, Guimarães & Cª, s. d.

ROCHA, Hugo, *Gentio Branco*. Porto, Civilização, 1943, 294 pp.

ROCHA, Hugo, *Sotavento*, Porto, Editorial Domingos Barreira, s. d. 1949, 286 pp.

2. Obras literárias consultadas para elaboração do Capítulo 1:

ALMEIDA, Fialho de, *A Esquina*. 7ª ed., Lisboa, Livraria Clássica, 1960.

ALMEIDA, Fialho de, *O País das Uvas*. 5ª ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1920.

BERNARDES, Diogo, *O Lima. I - Éclogas. II - Cartas*. Lisboa, Empresa do Diário de Notícias, 1923, 2 vols.

BERNARDES, Diogo, *Obras Completas*. Lisboa, Livraria 3 vols.

- BRANCO, Camilo Castelo, Ver: CASTELO BRANCO, Camilo CAMACHO, Brito, *Gente Rústica*. Lisboa(1921 ?).
- CAMACHO, Brito, *Gente Vária*. Lisboa, s. d.
- CAMACHO, Brito, *Quadros Alentejanos*. Lisboa, 1925.
- CASTELO BRANCO, Camilo, *A Brasileira de Prazins. Cenas do Minho*. Edição conforme a 1.^a, revista pelo autor. Porto, Lello & Irmão, s. d.
- CASTELO BRANCO, Camilo, *Os Brilhantes do Brasileiro*. 8.^a ed., Lisboa. Livraria A. M. Pereira, Ld.^a, 1965.
- CASTELO BRANCO, Camilo, *Cenas da Foz*. 8.^a ed., Lisboa, 1958.
- CASTELO BRANCO, Camilo, *O Demónio do Ouro*. 6.^a ed., Lisboa, Parceria A. M. Pereira, Ld.^a, 1970, 2 vols.
- CASTELO BRANCO, Camilo, *Mistérios de Fafe*. 8.^a ed., Lisboa, Parceria A. M. Pereira, Ld.^a, 1969.
- CASTELO BRANCO, Camilo, *Novelas do Minho*. 7.^a ed., Lisboa, Parceria A. M. Pereira, Ld.^a, 1965, 3 vols. Com Nota preliminar de J. do Prado Coelho.
- CASTELO BRANCO, Camilo, *O Senhor do Paço de Ninães*. 8.^a ed., Lisboa, Parceria A. M. Pereira, Ld.^a, 1966.
- COELHO, Trindade, *Os Meus Amores*. 14.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1962.
- COELHO, Trindade, *O Senhor Sete*. Lisboa, Portugália Editora, 1961.
- CORREIA, João de Araújo, *Contos Bárbaros*. Régua, Imprensa do Douro, 1939.
- CORREIA, João de Araújo, *Contos Durienses*. Régua, Imprensa do Douro, 1941.
- CORTÊS, Alfredo, *Saias*. Peça em 3 actos. Lisboa, 1938.
- CORTÊS, Alfredo, *Tá-Mar*. Peça em 3 actos. Lisboa, Imprensa Lucas & C.^a, 1936.
- COSTA, D. António da, *No Minho*. 3.^a ed., Porto, Ed. Educação Nacional, 1936.
- COSTA, Sousa, *Dramas da Serra*. Novelas. Lisboa, s. d.
- CUNHA, Rodrigues, *Luz na Montanha*. Lisboa, União Gráfica, 1960.
- CUNHA, Rodrigues, *A Moleirinha das Fragas*. Lisboa, União Gráfica, 1956.
- DINIS, Júlio, *A Morgadinha dos Canaviais*. Porto, 1952.

- DINIS, Júlio, *As Pupilas do Senhor Reitor*. Crónica de aldeia. 2.^a ed. revista pelo autor. Porto, 1868.
- FERREIRA, António, *Limianas*. Porto, 1934.
- FERREIRA, António, *Poemas Lusitanos*. 2.^a ed., vol. I, Lisboa, Livraria S. da Costa, 1957. Com prefácio e notas do Prof. Marques Braga.
- FONSECA, Tomás da, *Filha de Labão*. Lisboa, 1951.
- GAIO, António da Silva, *Mário*. Nova ed., Porto, Figueirinhas, s. d.
- GAMA, Arnaldo, *O Sargento-Mor de Vilar*. Episódios da invasão dos franceses em 1809. 2.^a ed., revista, Porto, 1885.
- GAMA, Arnaldo, *Verdades e Ficções*. Porto, 1859, 2 vols.
- GARRETT, Almeida, *Romanceiro*, vol. II, Lisboa, 1863.
- GARRETT, Almeida, *Viagens na Minha Terra*. Lisboa, Livr. S. da Costa, 1966.
- GOMES, Teixeira, *Gente Singular*. 2.^a ed., Lisboa, 1931.
- GUIMARÃES, Delfim, *O Rosquedo*. (Cenas de vida da província - Ponte de Lima, Minho). 2.^a ed., Lisboa, Guimarães, 1912.
- HERCULANO, Alexandre, *Lendas e Narrativas*. 27.^a ed., Lisboa, Bertrand, s. d., 2 tomos.
- LAPAIRE, Hugues, *Âmes Berrichones*. Paris, Bloud & Cie., 1910.
- LOBO, Rodrigues, *Éclogas*. Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1964.
- LOBO, Rodrigues, *Poesias*. 3.^a ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1968. Com Prefácio de Afonso Lopes Vieira.
- MACHADO, Montalvão, *O Arcipreste de Barroso*. 2.^a ed., Porto, J. R. Gonçalves, 1959.
- MACHADO, Montalvão, *A Louca de Valpaços*. Porto, Livraria Lello & Irmão, 1940.
- MACHADO, Montalvão, *A Morgadinha de Freixeda*.
- MAIA, Samuel, *Mudança de ares*. 2.^a ed., 4.^o milhar, Lisboa, s. d.
- MAIA, Samuel, *Sexo forte*, 1917.
- MATTOS, Alexandre de, *Trás-os-Montes, Terra Nostra*. Lisboa, 1941.
- MIRANDA, Francisco Sá de, *Obras Completas*. 3.^a ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1960, 2 vols.
- MISTRAL, Frédéric, *Calendal*. Paris, 1930.
- MISTRAL, Frédéric, *Mireille*. Paris, 1913.

- MOURINHO, António Maria, *Nossa Alma i Nossa Terra*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1961.
- NAMORA, Fernando, *O Trigo e o Joio*. 5.^a ed., Lisboa, Publicações Europa-América, 1965.
- OLIVEIRA, Alberto de, *Palavras Loucas*. Coimbra, França Amado, 1894.
- OLIVEIRA, Alberto de, *Pombos Correios*. Coimbra, 1913.
- OLIVEIRA, Alberto de, *Vida, Poesia e Morte*. Lisboa, 1926.
- ORTIGÃO, Ramalho, *As Farpas*. Tomo I, Lisboa, Liv. Clássica Ed., 1971.
- PAGANINO, Rodrigo, *Os Contos do Tio Joaquim*. 3.^a ed., Lisboa, 1900.
- PASCOAIS, Teixeira de, *Arte de Ser Português*. Porto-Rio de Janeiro, 2.^a ed., 1920.
- QUEIRÓS, Teixeira de, *António Fogueira*. Comédia do Campo. (*Cenas do Minho*). David Corazzi, 1882.
- QUEIRÓS, Teixeira de, *A Cantadeira*. Comédia do Campo. Lisboa, Parceria A. M. Pereira, Ld.^a, 1913.
- RAPOSO, Hipólito, *Areias de Portugal*. Porto, 1935.
- RAPOSO, Hipólito, *O Berão*. Lisboa, s. d. [1928].
- RAPOSO, Hipólito, *Boa Gente*. Coimbra, 1911.
- REDOL, Alves, *Avieiros* (nova versão). Lisboa, Publicações Europa-América, 1968.
- REDOL, Alves, *Fanga*. 6.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1963.
- REDOL, Alves, *Gaibéus*. 6.^a ed., refundida. Lisboa, Publicações Europa-América, 1965.
- REDOL, Alves, *Porto Manso*. 3: ed., Lisboa, Publicações Europa-América, 1979.
- RIBEIRO, Aquilino, *Abóboras no Telhado*. Lisboa, Bertrand, 1963.
- RIBEIRO, Aquilino, *Aldeia. Terra, Gente e Bichos*. Lisboa, Bertrand, s. d.
- RIBEIRO, Aquilino, *Andam Faunos pelos Bosques*. Lisboa, Bertrand, 1962.
- RIBEIRO, Aquilino, *As Três Mulheres de Sansão*. Lisboa, Bertrand, 1972.
- RIBEIRO, Aquilino, *Arcas Encoiradas*. Lisboa, Bertrand, 1962.
- RIBEIRO, Aquilino, *Aventura Maravilhosa de D. Sebastião Rei de Portugal depois da Batalha com o Miramolim*. Lisboa, Bertrand, 1936.

- RIBEIRO, Aquilino, *Geografia Sentimental. História, Paisagem, Folclore*. Lisboa, Bertrand, 1931.
- RIBEIRO, Aquilino, *O Homem da Nave*. Lisboa, Bertrand, 1961.
- RIBEIRO, Aquilino, *O Malhadinhas. Mina de Diamantes*. Lisboa, Bertrand, 1974.
- RIBEIRO, Aquilino, *Mónica*. Lisboa, Bertrand, 1961.
- RIBEIRO, Aquilino, *O Servo de Deus e a Casa Roubada*. Lisboa, Bertrand, 1967.
- RIBEIRO, Aquilino, *A Via Sinuosa*. Lisboa, Bertrand, 1960.
- RIBEIRO, Bernardim, *Éclogas*. Lisboa, 1923. Anotadas por Marques Braga.
- RIBEIRO, Bernardim, *Obras Completas*. 2.^a ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1959.
- RIBEIRO, Tomás, *D. Jaime*. Porto, Lello & Irmão, s. d. [Colecção Lusitânia].
- SARDINHA, António, *A Epopeia da Planície. Poemas da Terra e do Sangue*. Lisboa, Editorial Restauração, 1960.
- SANTOS, Luís António, *Barlavento*. (Histórias do Algarve). Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, s. d.
- SEVES, António de, *Leomil*. Lisboa, 1921.
- SILVA, Antunes da, *Alentejo é Sangue*. Lisboa, Portugália Editora, 1966.
- SILVA, Antunes da, *Terra do nosso Pão*. Lisboa, Portugália Editora, 1964.
- TORGA, Miguel, *Contos da Montanha*. 5.^a ed., aum. e revista. Coimbra, 1976.
- TORGA, Miguel, *Mar*. Poema Dramático em três actos. 2.^a ed. refundida, Coimbra, 1958
- TORGA, Miguel, *Novos Contos da Montanha*. 6.^a ed., Coimbra, 1975.
- TORGA, Miguel, *Terra Firme*. Drama em três actos, 3.^a ed. refundida, Coimbra, 1960.
- TORGA, Miguel, *Vindima*. 4.^a ed. revista, Coimbra, 1971.
- VICENTE, Gil, *Obras Completas*. Coordenação do texto, introdução, notas e glossário do Doutor Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Edição ilustrada. Barcelos, Companhia Editora do Minho, 1956; Nova edição, revista, Porto, Livraria Civilização Editora, 1962.
- VIEIRA, Afonso Lopes, *Prefácio das Poesias de Rodrigues Lobo*, ed. da Liv. Sá da Costa.

3. Documentação linguística:

- ALVARENGA, Aida Sá Viana d', *Algumas designações da cabeça humana na linguagem popular e no calão*. In *Boletim de Filologia*, tomo XIII, 1952, pp. 257-272.
- AMARAL, Vasco Botelho de, *Aspectos linguísticos, psicológicos e sociais do calão*. In *Revista de Portugal*, Série A, Língua Portuguesa, VII, 1945, pp. 83-86.
- AMARAL, Vasco Botelho de, *Palavras de tratamento*. In *Ocidente*, XXVII, 1945, pp. 95-98.
- AZEREDO, Álvaro de, *Apontamentos sobre a linguagem popular de Baião*. In *Revista Lusitana*, vol. XI, 1908, pp. 181-209.
- AZEVEDO, Celestino Monteiro Soares de, Ervedosa. *Linguagem popular de Ervedosa do Douro*. In *Revista Lusitana*, vol. XXVII, 1928-1929, pp. 86-197.
- BALDINGER, Kurt, *Contribution à une histoire des provincialismes dans la Langue française*. In *Revue de Linguistique Romane*, tomo XXI, n.OS 81-82, 1957, pp. 62-85.
- BALDINGER, Kurt, *L'importance du vocabulaire dialectal dans un thesaurus de la langue française*. Sep. de *Lexicologie et lexicographie françaises et romanes. Orientations et exigences actuelles*. Colloques Internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique. Paris, 1961, pp. 149-176.
- BALLY, Charles, *Traité de stylistique française*, 3.^a ed., Génève et Paris, Librairie Georges et Librairie Klincksieck, 2 vols., 1951.
- BARBOSA, Jorge Morais, Língua, dialecto, falar local. Sep. de *Estudos políticos e sociais*, vol III, nº 3, 1965, pp. 727-739.
- BARREIROS, Fernando Braga, *Vocabulário barrosão*. In *Revista Lusitana*, XX, 1917, pp. 137-161, XXXV, 1937, pp. 239-297.
- BARRETO, Mário, *Novíssimos estudos da língua portuguesa*. 2.^a ed., Rio de Janeiro, 1924.

- BASTO, Cláudio, *Falas e tradições do distrito de Viana do Castelo*. In *Revista Lusitana*, vol. XIII, 1910, pp. 72-94; vol. XIV, 1911, pp. 71-102; vol. XVIII, 1914, pp. 55-85.
- BASTO, Cláudio, *Formas de tratamento em português*. In *Revista Lusitana*, vol. XXIX, 1931, pp. 183-202.
- BASTO, Cláudio, *A linguagem dos gestos em Portugal*. In *Revista Lusitana*, vol. XXXVI, 1938, pp. 5-72.
- BAUCHE, Hemi, *Le langage populaire*, Paris, Payot, 1929.
- BESSA, Alberto, *A Gíria portuguesa. Esboço de um dicionário de calão*. Lisboa, 1940.
- Bibliografia dialectal galego-portuguesa*. Centro de Linguística das Universidade de Lisboa. Lisboa, 1976.
- Biblos*. Revista da Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, *Alcuni problemi del paesaggio dialettale portoghese, specialmente delta parlatameridionale*. Estratto del Quaderno N° 111. Atti del Convegno Internazionale sul tema: *Gli atlanti. linguistici: problemi e risultati* (Roma 20-24 Ottobre 1967). *Problemi attuali di scienza e di cultura*. Roma, Accademia Nazionale dei Lincei, 1969. - Foi posteriormente incluído na colectânea do autor *Estudos de linguística portuguesa e românica*, vol. I (Dialectologia e História da Língua), Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1974, tomo I, pp. 399-437.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, *Um caso de falta de concordância do género em francês*. No Suplemento Letras e Artes do jornal *Novidades* de 8 de Agosto de 1954.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, *Causas da mudança de género*. No Suplemento Letras e Artes do jornal *Novidades* de 5 de Setembro de 1954.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, *Defesa e ilustração da língua*. Sep. de *Biblos*, vol. XIX. Coimbra, Edição da Casa do Castelo, 1944.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, *Dialectologia e história da língua. Isoglossas portuguesas*. Sep. do *Boletim de Filologia*, tomo XII, 1951, pp. 1-44. Com oito mapas. Foi posteriormente incluído na colectânea do autor, *Estudos de linguística portuguesa e românica*, vol. I, tomo I, pp. 185-250.

- BOLÉO, Manuel de Paiva, *O estudo dos dialectos e falares portugueses (Um inquérito linguístico)*. Coimbra, Coimbra Editora, 1942. - Incluído posteriormente na colectânea do autor já referida, vol. I, tomo I, pp 1-43.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, *O estudo dos falares locais*. In *Mensário das Casas do Povo*, ano III, nº 28, Outubro de 1948, pp. 3-4. - Incluído na colectânea citada, I, t. I, pp. 123-132.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, *Formas de superlativação em português*. In *Novidades*, 11 de Julho de 1954.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, *O género feminino aumentativo*. No Suplemento Letras e Artes do jornal *Novidades* de 22 de Agosto de 1954.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, *Inconsistência do género gramatical*. No Suplemento Letras e Artes do jornal *Novidades* de 29 de Agosto de 1954.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, *O interesse científico da linguagem popular*. Sep. da *Revista de Portugal*. Série A - Língua Portuguesa, I, n.º 3, Dezembro de 1942. Lisboa, Editorial Império, 1943. - Incluído na colectânea já referida, vol. I, tomo I, pp. 45-93.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, *O Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental* (com a colaboração de Maria Helena Santos SILVA). Sep. das Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica, vol. III (= *Boletim de Filologia*, tomo XX, 1961, fases. 1-2) 1962, pp. 85-112. - Incluído na colectânea do autor já referida, vol. I, tomo I, pp. 309-352.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, *Os matronímicos nos apelidos populares portugueses*.
Sep. da *Revista de Portugal*, vol. XVIII, n.º 113. Lisboa, 1953, 11 pp.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, *A metáfora na língua portuguesa corrente*. Sep. de *Biblos*, XI, Coimbra, 1935, 41 pp.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, *Unidade e variedade da língua portuguesa*. Sep. da *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, tomo XX, 2.ª série, n.º 1, 1954. Lisboa, 1955, 28 pp. - Incluído posteriormente na colectânea do autor já referida, vol. I, tomo I, pp. 251-287. *Boletim de Filologia*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- BRAGA, Franklim, *Quadrazais. Etnografia e linguagem*. Dissertação de licenciatura (inédita). Lisboa, 1971.

- BRANCO, Alice Ferreira, *Covilhã. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Dissertação de licenciatura (inédita). Coimbra, 1966.
- BRUNEAU, Charles, *Patois et dialectes*. In *Revue de Linguistique Romane*, tomo XIX, n.º 75-76, 1955, pp. 165-175.
- CALADO, Adelino de Almeida, *Abegão. Estudo linguístico*. Elvas. (À Sombra do Aqueduto - Estudos Elvenses), 1963.
- CÂMARA, Joaquim Mattoso Jr., *Dicionário de linguística e gramática*. 7.^a ed., Petrópolis, Editora Vozes, 1977.
- CARVALHO, José Gonçalo C. Herculano de, *Calão*. Artigo in *Verbo, Enciclopédia luso-brasileira*, vol. 40, col. 456.
- CARVALHO, José Gonçalo C. Herculano de, *Coisas e palavras. Alguns problemas etnográficos e linguísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica*. Sep. de Biblos, vol. XXIX. Coimbra, 1953, 413 pp. e 13 mapas.
- CARVALHO, José Gonçalo C. Herculano de, *Coisas e palavras*. In *Estudos Linguísticos*, vol. I, Lisboa, 1964, pp. 79-92. (Resumo em francês do trabalho anterior, publicado primeiramente em *Orbis (Bulletin International de Documentation Linguistique)*, vol. 5, 1956, pp. 516-525, e mais tarde incluído no referido volume).
- CARVALHO, José Gonçalo C. Herculano de, *Inovação e criação na linguagem. A metáfora*. Sep. da *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XX. Coimbra 1962.
- CARVALHO, José Gonçalo C. Herculano de, *Teoria da linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e análise das línguas*. Tomo I, reedição, Coimbra, Atlântida Editora, 1970; tomo II, Coimbra, Atlântida Editora, 1973.
- CARVALHO, Maria Armanda da Cunha Albino, *Sátão (concelho do distrito de Viseu). Estudo da linguagem, etnografia e folclore das suas freguesias*. Dissertação de licenciatura (inédita). Coimbra, 1970.
- CARVALHO, Olívio da Costa, *Elementos para um glossário da linguagem da pesca. Monografia dos linguajares das praias da Leirosa e da Costa de Lavos*. Dissertação de licenciatura (inédita). Coimbra, 1942.

- CASTILHO, Artur, *Vocabulário regional*. In *Revista da Casa Regional da Beira Douro*, ano I, 1952, pp. 21-22, 101-103, 124; ano II, 1953, pp. 45-46, 153-155, 172-174, 20-212, 244-246, 278-280, 345-346, 366-367; ano III, 1954, pp. 13-14, 42-43, 88-89, 118-120, 138-141, 173-175, 201-204, 235-237, 274-276, 311-314, 333-336, 384-387; ano IV, 1955, pp. 3-10, 44-46, 76-79, 112-115, 144-147, 178-181, 203-206, 235-238, 262-264, 307-310, 373-375; ano V, 1956, pp. 40-41, 150, 181-182, 235-236, 265-266, 356, 357.
- CHAVES, Luís, *O barco rabelo do Rio Douro (Nótula de etnografia)*. In *Memoriam ao Dr. Pedra Vitorino*. Porto, 1945, pp. 161-164.
- CINTRA, Luís F. Lindley, *Alguns estudos de fonética com base no Atlas Linguístico da Península Ibérica*. In *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro*. Rio de Janeiro, 1958, pp. 186-195.
- CINTRA, Luís F. Lindley, *Áreas lexicais no território português*. Sep. do *Boletim de Filologia*, tomo XX, 1961. Lisboa, 1962.
- CINTRA, Luís F. Lindley, *Os ditongos decrescentes ou e ei: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico*. In *Anais do Primeiro Simpósio de Filologia Românica*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1970, pp. 115-134.
- CINTRA, Luís F. Lindley, *"Griséu" um moçarabismo algarvio*. Sep. de *Biblos*, LVII (1981), Coimbra.
- CINTRA, Luís F. Lindley, *Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses*. In *Boletim de Filologia*, tomo XXII, fases. 1 e 2, 1964-71, pp. 81-116.
- CINTRA, Luís F. Lindley, *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa, Livros Horizonte, 1972.
- CINTRA, Luís F. Lindley, *Une frontiere lexicale et phonétique dans le domaine linguistique portugais*. In *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica* vol. III (= *Boletim de Filologia*) tomo XX, fases. 1 e 2, 1961, pp. 31-39).
- COELHO, Jacinto do Prado, *O discurso semi-directo no romanceiro popular*. In *Revista de Portugal*, XIV, 1949, pp. 18-20.

- COELHO, Jacinto do Prado, *O infinito absoluto no romanceiro popular*. In *Boletim de Filologia*, XI, 1950, pp. 133-140.
- COELHO, Jacinto do Prado, *À margem das “Lições” de D. Carolina Michäelis. O valor expressivo dos sufixos*. In *Revista de Portugal*, XIII, 1948, pp. 194-196.
- COELHO, Jacinto do Prado, *Três notas sobre a sintaxe do Romanceiro popular*. In *Revista de Portugal*, XV, 1950, pp. 157-160.
- CORREIA, João da Silva, *Considerações gerais sobre a denominação, as espécies, os domínios e os processos da interjeição*. In *Revista Lusitana*, vol. XXXII, 1934, pp. 234-249.
- CORREIA, João da Silva, *O eufemismo e O disfemismo na língua e na literatura portuguesa*. Sep. do *Arquivo da Universidade de Lisboa*, vol. XII, 1927.
- CORREIA, João da Silva, *Linguagem médica popular. Usada no Alto-Douro. Régua* (Imprensa do Douro), 1936.
- COSTA, Alexandre de Carvalho, *Expressões populares do Alto Alentejo*. In *Revista Lusitana*, vol. XXXVI, 1932, pp. 263-299.
- COSTA, Alexandre de Carvalho, *Nótulas etnográficas e linguísticas do Alto Alentejo apresentadas em expressões populares*. In *Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa*, V, 1954, pp. 346-349, 400, 420-422; VI, 1955, pp. 43-44, 258, 261, 319, 323 311, 381-387, 67, 470, 475; VII, 1956, pp. 27-34, 89-92, 180-182, 184, 207-214, 280-286, 376-378, 435-439, 466-468, 515-520; VIII, 1957, pp. 36-40, 13, 68-70, 73, 97-103, 193-197, 254-260, 305-311, 366-372, 409-419; IX, 1958, pp. 14-16.
- COSTA, Alves da, *Vocabulário ouvido em Vila Real de Trás-os-Montes*. In *Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa*, I, 1953, pp. 42 e 48.
- COSTA, Sousa, *Fisionomia, expressão e pitoresco de certos vocábulos, locuções e adágios populares*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.
- DELGADO, Manuel Joaquim, *Alguns curiosos vocábulos e outras expressões da linguagem popular alentejana e algarvia*. Sep. da *Revista de Portugal*, Serie A, XX, 1965, Lisboa, 1965, pp. 480-492.
- DELGADO, Manuel Joaquim, *Alguns curiosos vocábulos e outras expressões da linguagem popular do Baixo Alentejo*. In *Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa*, 111, 1952, pp. 278-282.

- DELGADO, Manuel Joaquim, *A linguagem popular do Baixo Alentejo*, Beja, 1951. DAUZAT, Albert, *Les patois*. Paris, 1927.
- Dialectes (Les) Belgo-Romans*. Bruxelles.
- DIAS, Jaime Lopes, *A linguagem popular da Beira Baixa. (Apontamentos)*. Sep. de *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura*. Lisboa, Editorial Imperio, Ld.', 1962.
- DUARTE, Maria Clementina dos Prazeres, *Alguns aspectos geográficos do dialectologia portuguesa. Isófonas e isoglossas*. Estudo baseado no Inquérito linguístico por correspondência (1942), organizado por M. de Paiva Boleo. Dissertação de licenciatura (inédita). Coimbra, 1950.
- FARIA, Maria do Céu Novais, *Passagem de nomes de pessoas a nomes comuns em português*. Sep. de *Biblos*, vol. XVIII, 1943.
- FORTES, Agostinho, *Nótulas acerca dum falar da margem esquerda do Guadiana*. Lisboa, 1933.
- FRADINHO, Manuel Gomes, *Maneiras de dizer alentejanas*. In *Revista Lusitana*, vol. XXX, 1932, pp. 299-304; vol. XXXI, 1933, pp. 99-137.
- GABRIEL, Ivane Matia Ferreira, *Nomes do diabo em português*. Dissertação de licenciatura (inédita). Coimbra, 1950.
- GOMES, Aleixo, *Calão e giria*. In *Revista de Portugal*, XXII, 1957, pp. 57-60.
- GUERREIRO, António Machado, *Colos (Alentejo). Elementos monográficos*. Dissertação de licenciatura (inédita). Lisboa, 1968.
- GUERREIRO, António Machado, *Colos (Alentejo). Elementos monográficos*. Dissertação de licenciatura (inédita), Lisboa, 1968.
- HAMPEJS, Zdenek, *Ao redor de alguns problemas dos diminutivos*. In *Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa*, VII, 1956, pp. 403-406, 433.
- HENRIQUES, Joaquim das Neves, *Aspectos do número gramatical e lexical nos substantivos concretos em Português*. Dissertação de licenciatura (inédita). Coimbra, 1963.
- I. L. B. (*Inquérito linguístico Boléo*). Respostas ao Inquérito linguístico organizado em 1942 por MANUEL DE PAIVA BOLÉO, inicialmente por correspondência e depois completado com inquéritos no terreno, feitos pelo Organizador e por alunos seus.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C., *La connotation*, Lyon, P. U. L., 1977.

- KROLL, Heinz, *Contribuições para o estudo da linguagem falada em Português*.
Sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVIII. Coimbra, 1980.
- KROLL, Heinz, *Designações portuguesas para embriaguês*. Sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. V, VI, VII. Coimbra, 1955.
- KROLL, Heinz, *A propósito de locuções para «nunca»*. Sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. III. Coimbra, 1950.
- LACERDA, Armando de, PARKER, John, *Variantes fonéticas de falares regionais do distrito de Beja*. In *Revista do Laboratório de Fonética Experimental da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, vol. III, 1956, pp. 38-146; vol. IV, 1958, pp. 107-174; vol. V, 1960, pp. 5-72.
- LAPA, Albino, *Dicionário de calão*. 2: ed., Lisboa, Editorial Presença, 1974.
- LAPA, Manuel Rodrigues, *Estilística da língua portuguesa*. 9.^a ed., Coimbra, Coimbra Editora, 1977.
- LEBRE, José da Fonseca, *Locuções e modos de dizer usados na província da Beira Alta*. Sep. do *Boletim da Classe de Letras*, vols. XIV e XV. Lisboa, A. M. Teixeira e c.', 1924.
- LIMA, Maria Alves, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Sep. de *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. XI, 1961, e XII, 1962-1963. Coimbra, 1963.
- LOPES, Alfredo Augusto, *Termos de calão e gíria popular*. In *Polícia Portuguesa*, n.º 47, 1945, p. 28; n.º 48, 1945, p. 28; n.º 49, 1945, p. 28; n.º 50, 1945, p. 27; n.º 52, 1945, p. 39; n.º 53, 1946, p. 27; n.º 58, 1946, p. 32; n.º 59, 1947, p. 27; n.º 60, 1947, p. 26; n.º 61, 1947, p. 26; n.º 64, 1947, p. 36.
- LOPES, Ana Maria Simões da Silva, *O vocabulário marítimo português e o problema dos mediterraneísmos*. Sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. XVI e XVII. Coimbra, 1975.
- LOPES, João Antunes, *O género na linguagem popular e regional*. Dissertação de licenciatura (inérita). Coimbra, 1970.
- LOPO, Joaquim de Castro, *Linguagem popular de Valpaços*. In *Revista Lusitana*, vol. II, 1890-1892, pp. 255-260; vol. III, 1895, pp. 325-329.

- LOURO, Manuel Francisco de Estanco, *O livro de Alportel. Monografia de uma freguesia rural: concelho de Alportel*. Sep. do *Boletim do Ministério da Agricultura*, ano XI, n.ºs 1-6, Julho-Dezembro de 1928, 10-12, Abril - Junho de 1929. Lisboa, 1929.
- LUCAS, João de Almeida, *Estudo sobre as interjeições*. In *Revista de Portugal*, Série A, Língua Portuguesa, VI, 1945, pp. 192-197, 261-267, 325-328; VII, 1945, pp. 30-34; IX, 1946, pp. 36-40, 83-88, 146-152, 196-203, 245-253; XI, 1947, 86-96; XIII, 1948, pp. 52-58, 87-94.
- MACARA, Maria Corália Carrajola, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. Dissertação de licenciatura (inérita). Coimbra, 1964.
- MAÇÃS, Delmira, *Os animais na fraseologia portuguesa e brasileira*. Sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XV, tomos I e II, pp. 165-186. Coimbra, 1969, 22 pp.
- MAÇÃS, Delmira, *Os animais na linguagem portuguesa*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1951.
- MAÇÃS, Delmira, *Fórmulas interlocutórias do diálogo no Português moderno coloquial*. Sep. de *Biblos*, vol. XLV. Coimbra, 1976, pp. 153-266.
- MAÇÃS, Delmira, *Ironia e depreciação na língua portuguesa*. Sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XIV, tomos I e II, Coimbra, 1967.
- MAGNO, Lúcia Morcela dos Santos, *Áreas lexicais em Portugal e na Itália*. Sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XI, 1961. Coimbra, 1961.
- MAIA, Clarinda de Azevedo, *Os falares do Algarve*. (Inovação e conservação). Com 32 mapas. Sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVII, tomos I e II. Coimbra, 1961.
- MAIA, Clarinda de Azevedo, *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilha*. Suplemento IV da *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra, 1972.
- MAIA, Clarinda de Azevedo, *Geografia dialectal e história do português*. Sep. de *Biblos*, LVII (1981). Coimbra.
- Mensário das Casas do Povo*. Lisboa.
- MIGUEL, A. Dias, *Notas sobre a colocação das palavras*. In *Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa*, IX, 1958, pp. 138-139, 277-278.

- MIRA, Maria Helena Farmhouse da Graça, *Algumas contribuições para o estudo da fonética, morfologia, sintaxe e léxico da linguagem popular de Lisboa*. Dissertação de licenciatura (inérita). Lisboa, 1954.
- MONIZ, Manuel Carvalho, *O abegão*. Lisboa, 1965. Sep. de *Ethnos*, vol. IV.
- MOREIRA, Júlio, *Estudos da língua portuguesa*. 1.º vol., Lisboa, 1907; 2.º vol., Lisboa, 1913.
- MORENO, Augusto, *Vocabulário trasmontano (Mogadouro e Lagoaça)*. In *Revista Lusitana*, vol. V, 1897-1899, pp. 22-51, 88-114.
- MUNOZ CORTÉS, Manuel, *El espanol vulgar. Descripción de sus fenómenos y métodos de corrección*. Madrid, 1958.
- Novidades*. Lisboa.
- NOBRE, Eduardo, *Novo calão português*. Lisboa, Casa do Livro Editora, 1979.
- NUNES, José Joaquim, *Compêndio de gramática histórica portuguesa (Fonética e morfologia)*. 7.ª ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1969.
- NUNES, José Joaquim, *Dialectos algarvios*. In *Revista Lusitana*, vol. VII, 1902, pp. 33-55, 104-125 e 244-264.
- Ocidente*. Revista Portuguesa de Cultura, Lisboa.
- OLIVEIRA, Maria Manuela Moreno de, *Processos de intensificação no português contemporâneo*. A entoação. Processos morfológicos e sintáticos. Lisboa, 1962.
- PAIVA, Maria Helena de Novais, *Contribuição para uma estilística da ironia*. Publicações do Centro de Estudos Filológicos, vol. 12. Lisboa, 1961.
- PEREIRA, A. Gomes, *Algumas expressões de Alfândega da Fé*. In *Revista Lusitana*, vol. XIV, 1911, pp. 299-301.
- PEREIRA, A. Gomes, *Costumes e linguagem popular de Murça*. In *Revista Lusitana*, vol. XIV, 1911, pp. 82-87.
- PEREIRA A. Gomes, *Tradições populares e dialecto de Penedono*. In *Revista Lusitana*, vol. XII, 1909, pp. 298-316.
- PEREIRA, A. Gomes, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In *Revista Lusitana*, vol. XI, 1908, pp. 268-310. Também nos vols. IX, X, XII e XIII.
- PEREIRA, A. Gomes, *Vocabulário de vários concelhos do distrito de Vila Real*. In *Revista Lusitana*, vol. XV, 1912, pp. 333-350.

- PEREIRA, Félix Alves, *Glossário dialectológico do concelho dos Arcos de Valdevez*. In *Revista Lusitana*, vol. XIX, 1916, pp. 163-216; XXXI, 1933, pp. 292-300.
- PIEL, J. M., *Considerações sobre a metáfora portuguesa*. In *Biblos*, vol. XVIII, 1942, pp. 365-371.
- PIEL, J. M., *Observações acerca do vocalismo mirandês*. In *Biblos*, vol. VI, 1930, pp. 187-190.
- PINHO, Maria Elsa Tomé Gomes de, *Terminologia da cultura e preparação do vinho do Porto (Esboço de um estudo linguístico-etnográfico limitado à região da Régua e aos armazéns de vinho do Porto, de Vila Nova de Gaia)*, Dissertação de licenciatura (inérita). Coimbra, 1961.
- PINTO, Adelina Angélica, *A africada ç em português: estudo sincrónico e diacrónico*. Sep. do *Boletim de Filologia* (Lisboa), tomo XXVI, 1980-1981.
- PINTO, Adelina Angélica, *A neutralização da oposição fonológica v/b em português*. Sep. de *Biblos*, LVI (1980), Coimbra.
- PIRES, A. Tomás, *Tradições populares alentejanas*. In *Revista Lusitana*, vol. I, 1887-1889, pp. 60-62, 132-133; vol. II, 1890-1892, pp. 253-254.
- PIRES, A. Tomás, *Vocabulário alentejano*. In *Revista Lusitana*, vol. VIII, 1903-1905, pp. 92-98, 298-300. Tb. ibidem, vols. IX, X, XI, XXIX.
- POMBINHO, Júnior; J. A., *Vocabulário alentejano*. In *Revista Lusitana*, vol. XXX, pp. 58-74; vol. XXVI, pp. 68-8.3; vol. XXXIII, pp. 94-176; vol. XXXIV, pp. 266-290; vol. XXXV, pp. 155-160; vol. XXXVI, pp. 197-217.
- REIN, Hans-Jürgen, *Syntax und Stilistik des Subjektspronomens in der portugiesischen Prosa*. Marburg, 1961.
- Revista da Faculdade de Letras de Lisboa.*
- Revista de Guimarães*. Guimarães.
- Revista Lusitana*. Lisboa e Porto.
- Revista de Portugal*. Série A - Língua Portuguesa. Lisboa.
- RIBEIRO, José Diogo, *Linguagem popular de Turquel*. In *Revista Lusitana*, fl., vol. XXVIII, 1930, pp. 87-244.
- RIBEIRO, Orlando, *A propósito de áreas lexicais no território português*. Sep. do *Boletim de Filologia*, tomo XXI. Lisboa, 1965, pp. 177-205.

- SANTOS, Felício dos, *Linguagem popular de Trancoso*. In *Revista Lusitana*, vol. V, 1897-1899, pp. 16L174.
- SANTOS, Maria José de Moura, *Os estudos de linguística românica em Portugal de 1945 a 1960*. Sep. do vol. II do Suplemento bibliográfico da *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra, 1966.
- SANTOS, Maria José de Moura, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*. Coimbra, 1967. Sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XII (t. I), XIII e XIV. Coimbra, 1967.
- SARAIVA, Maria Fernanda Mendes Peneira, *Designações para 'trabalhadores rurais' em Portugal continental*. Dissertação de licenciatura (inérita): Coimbra, 1970.
- SCHULTE-HERBRÜGGEN, Heinz, *El lenguaje y la visión del mundo*. Santiago, Universidade de Chile, 1963.
- SEQUEIRA, Francisco Júlio Martins, *Apontamentos acerca do falar do Baixo Minho*. *Estudos de linguística*. Lisboa, 1957/1958.
- SILVA, J. A. Capela, *A linguagem rústica no concelho de Elvas*. Lisboa, Edição, da Revista de Portugal, 1947.
- SKORGE, Sílvia, *Os sufixos diminutivos em Português*. Sep. do *Boletim de Filologia*, tomos XVI e XVII. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1959.,
- SOUSA, Ângela Adelina Teixeira de, *Expressões portuguesas relativas à ideia de 'morrer'*. Dissertação de licenciatura (inérita). Coimbra, 1960.
- TEIXEIRA, Abade Tavares, *Vocabulário trasmontano*. In *Revista Lusitana*, vol. XIII, 1910, pp. 110-126.
- TERRACINI, Benvenuto, *Analisi del concetto di lingua letteraria*. Sep. de *Cultura Neo-Itatina*, fasc. 1, tomo XVI (1956). Modena, 1956.
- TORRES, Maria José Vieira. Neves da Silva, *A influência religiosa na linguagem popular*. Dissertação de licenciatura inédita. Coimbra, 1959.
- WAGNER, Max L., *O elemento cigano no calão e na linguagem popular portuguesa*. In *Boletim de Filologia*, vo1. X, 1949, pp. 296-319.
- VASCONCELOS, Carolina Michäelis de, *Lições de filologia portuguesa segundo as prelecções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13 seguidas das Lições práticas de português arcaico*. Lisboa, Dinalivro, s. d.

- VASCONCELOS, José Leite de, *Dialectos açorianos*. In *Revista Lusitana*, vol. II, 1890-1892, pp. 289-307.
- VASCONCELOS; José Leite de, *Dialectos alentejanos*. In *Revista Lusitana*, vo1. II, 1890-1892, pp. 15-45; vo1. IV, 1896, pp. 13-77; 215-246.
- VASCONCELOS, José Leite de, *Dialectos algarvios*. In *Revista Lusitana*, vo1. IV, 1896, pp. 324-338.
- VASCONCELOS, José Leite de, *Dialectos interamnenses*. In *Revista Lusitana*, vo1. VIII 1903-1905, pp. 51-62.
- VASCONCELOS, José Leite de, *Dialectos trasmontanos*. In *Revista Lusitana*, vol. II, 1890-1892, pp. 97-120; III. 1895, pp. 57-74.
- VASCONCELOS, José Leite de, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 2.^a ed., com aditamentos e correcções do Autor, preparada, com base no exemplar conservado no Museu Etnológico «Dr. Leite de Vasconcelos», por Maria Adelaide Valle Cintra. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1970.
- VASCONCELOS, José Leite de, *Observações sobre as cantigas populares*. In *Revista Lusitana*, vol. I, 1887-1889, pp. 143-157.
- VASCONCELOS, José Leite de, *Opúsculos*, vol. II, Dialectologia (Parte 1). Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928.
- VASCONCELOS, José Leite de, *Romanceiro português*. Coligido por ... Notícia preliminar de R. MenéndezPida¹. Coimbra, Acta Univ. Conimb., 2 vols., 1958 e 1960.
- VASCONCELOS, José Leite de, Uso do tratamento de «senhora» e «senhor». In *Revista Lusitana*, vo1. XVI, 1913; p. 345.

4. Documentação literária:

ABREU, Maria Lucília Pais de, *A linguagem popular em obras dramáticas contemporâneas*. Dissertação de licenciatura (inérita). Coimbra, 1961.

ABREU, Mariberta Carvalho de Almeida, *Poetas do Minho. António Feijó - António Ferreira*. Dissertação de licenciatura (inérita). Coimbra, 1944.

ALBÉRÈS, R. M., *Histoire du roman moderne*. Paris, Albin Michel, 1965.

ALMEIDA, Eduardo de, *A expressão camiliana*. In *Revista de Guimarães*, vol. XXXV, 1925, pp. 154-163.

ALMEIDA, Nelly Alves de, *Estudos sobre quatro regionalistas*. Goiânia, Imprensa da Universidade Federal de Goiás, 1968.

ALVES, Francisco Manuel, *Memórias' arqueológico-históricas do Distrito de Bragança. Arqueologia e etnografia*. Tomo XI Reedição do Museu do Abade de Baçal. Bragança, 1981, pp. 450-451 (Informações sobre Manuel António Ribeiro).

ANTUNES, Manuel, *Aquilino Ribeiro: Estilo e visão do mundo*. In *Brotéria*, LXXVII, n.º 1, Julho 1963, pp. 76-79.

ARAÚJO, Leopoldo Carlos C. de, *Elementos para o estudo da linguagem regionalista de Aquilino Ribeiro*. Dissertação de licenciatura (inérita). Lisboa, 1948.

ASCENSÃO, Leão Ramos, *O Integralismo Lusitano*. Porto, 1943.

BAL, Willy, *Dialecte - et poésie*. In *Les Dialectes Belgo-Romans Bruxelles*, t. XV, n.º 1, Janeiro-Março de 1958, pp. 5-34.

BAL, Willy, *Littérature dialectale de la Wallonie. Choix de textes*. Édition partielle, 2.º tirage. Louvain, Centre de Dialectologie Wallone: Département Littéraire, 1974.

BENTO, Horácio, *Superlativação intensiva, na obra de Aquilino Ribeiro "S. Banabaião, anacoreta e mártir"*. In *Diário de Lisboa*, Suplemento literário de 3-12-1938.

BENTO, Maria Matilde Cerejeira Nunes, *O conto rústico em Portugal no século XIX*. Dissertação de licenciatura (inérita). Coimbra, 1960.

BOLÉO, Manuel de Paiva, *O realismo de Eça de Queirós e a sua expressão artística*. Coimbra, 1941.

Boletim da Academia das Ciências de Lisboa. Nova Série, Lisboa.

Boletim da Casa Regional da Beira-Douro. Porto.

Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa. Lisboa.

BRÁGA, Alberto, *Usos e costumes, tradições e bruxarias nas obras de Camilo Castelo Branco*. In *Revista de Guimarães*, vol. XXXV, ano de 1925.

BRAGA, Maria da Graça de Magalhães Bastos, *Rusticismo na literatura portuguesa. Teixeira de Queirós - Comédia do campo*. Dissertação de licenciatura (inédita). Coimbra, 1945.

Brotéria. Lisboa.

BUTLER, Anthony S. G., *Les parlers dialectaux et populaires dans l'oeuvre, de Guy de Maupassant*. Publications Romanes et Françaises, LXXII. Gêneve Librairie E. Droz, 1962.

CAL, Ernesto Guerra da, *Linguagem e estilo de Eça de Queirós*. Lisboa, Aster, s. d.[1968].

CARVALHO, Gilberto de, *Aquilino Ribeiro. (Pequenas coisas num grande homem)*.Viseu, Tip. Motta & Irmão, 1968.

CARVALHO, José Gonçalo C. Herculano de, *Influência italiana em Bernardim Ribeiro*. In *Miscelânea de estudos em honra do Prol. Hernâni Cidade*, Lisboa, 1957.

CASTELLO, José Aderaldo, José Lins do Rego: modernismo e regionalismo. São Paulo, Edart, 1961.

CASTRO, Aníbal Pinto de, *Terras e gentes de Portugal na obra de Hipólito Raposo*, Lisboa, 1972.

CASTRO, Armando de, *Traços gerais da evolução económico-social portuguesa. (1890-1910)*. In *História ilustrada das grandes literaturas. Literatura portuguesa*, dirig. por Óscar Lopes, II. Lisboa, 1973, pp. 291-298.

CHARLES-BRUN, J., *Les littératures provinciales*. Paris, Bloud & O., 1907.

CHARLES-BRUN, J., *Le régionalisme*. 3: ed., Paris, Bloud & C^a, 1911.

CLEMENTE, Elvo, *Estudo de um conto de Miguel Torga - «Nero»*. In *Veritas*. Porto-Alegre, Brasil, vol. II, 1957, n.º 4, pp. 261-279.

COELHO, Jacinto do Prado - Ver *Dicionário de Literatura (...)*.

- COELHO, Nelly Novaes, *Escritores Portugueses*. São Paulo, Quíron, 1973.
- CORREIA, João de Araújo, *Perfil trasmontano de Trindade Coelho*. Lisboa, Portugália Editora, 1961.
- COUTINHO, Afrânio, *O regionalismo na prosa de ficção*. In *A literatura no Brasil*. 2.^a ed., vol. III, Rio de Janeiro, 1969, pp. 219-289.
- CRESSOT, Marcel, *La phrase et le vocabulaire de K. Huysman. Contribution à l'Histoire de la Langue Française pendant le dernier quart du XIX^e siècle*. Paris, Librairie E. Droz, 1938.
- DAGNEAUD, Robert, *Les éléments populaires dans le lexique de «La Comédie Humaine» de Balzac*. Quimper, Imprimerie Ed. Menez et C^a, 1954.
- DIALETT ALIT A (La) negli scrittori italiano del dapoguerra: l'area centro-settentrionale. Atti del IIIConvegno Nazionale su língua e lettera dialettale. Lanciano, 27-29 Set., 1974.
- Diário de Lisboa*. Lisboa.
- Diário de Notícias*. Lisboa.
- DIAS, Augusto da Costa, *A crise da consciência pequeno-burguesa*. 2.^aed. rev. Lisboa, 1964.
- DIAS, Augusto da Costa, *Panorama geral das ideologias (1850-1910)*. In *História ilustrada das grandes literaturas*. Literatura portuguesa, dirig. por Óscar Lopes, II, Lisboa, 1973, pp. 299-310.
- Dicionário de Literatura*. Literaturas portuguesa, galega e brasileira. Dirigido por Jacinto do Prado COELHO, 1.a ed., Porto, 2 vols., 1960; 2: ed., Porto, 2 vols., 1971.
- DÓRIA, António Álvaro, *A vida rural no romance português*. Lisboa, 1950.
- FARIA, António, *Contribuição para o estudo do vocabulário de Aquilino Ribeiro*. In *Revista de Portugal*, vol. XXXIII, Dezembro de 1968, pp. 507-559.
- FERREIRA, David Mourão, *Motim literário*. Lisboa, 1962.
- FIGUEIREDO, Antero de, *Jornadas de Portugal*. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro, 1918.
- FIGUEIREDO, Fidelino de, *Cultura portuguesa contemporânea*. In *Estudos de Literatura*, 3.^a série, 1921, pp. 233-237.
- FIGUEIREDO, Fidelino de, *A luta pela expressão. Prolegómenos para uma filosofia da literatura*. Colecção Ensaio. Lisboa (Ática), 1960.

- GERALDES, Fernando da Costa, *As classes sociais da século. XIX na novela camiliana*. Dissertação de licenciatura (inérita). Lisboa, 1966.
- GOMES, Elviro da Rocha, *Glossário sucinto para melhor compreensão de Aquilino Ribeiro*. Porto, Edições Marânus, s. d.
- GONÇALVES, Maria Sílvia Rodrigues da Fonte, *A Beira na literatura portuguesa dos séculos XIX e XX*. Dissertação de licenciatura (inérita). Coimbra, 1961.
- GUIMARÃES, Luís de Oliveira, *Aquilino Ribeiro através do seu ex-líbris*. Lisboa, Portugália Editora, s. d.
- LEÃO, António da Costa, *Camilo e o povo fora dos dicionários*. Lisboa, Empresa Diária de Notícias) 1922.
- LECLAIRE, Lucien, *Le roman régionaliste dans les Îles Britanniques (1800-1950)*. Clermond-Ferrand, 1954.
- LIMA, Jaime de Magalhães, *A língua portuguesa e os seus mistérios*. Paris-Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1923.
- LOPES, Óscar, *Cinco personalidades literárias*. Porto, Divulgação, 1961.
- LOPES, Óscar, *Ler e depois. Crítica e interpretação literária / 1*. Porto, Editorial Inova, 1969.
- LOPES, Óscar, *Modo de Ler. Crítica e interpretação literária / 2*. Porto, 1969.
- LOPES, Óscar, e SARAIVA, António José, *História da literatura portuguesa*. 5.^a ed., corrigida e aumentada. Porto-Lisboa, Porto Editora - Empresa Fluminense, s. d.
- MALPIQUE, Cruz, Aquilino Ribeiro. *O homem e o escritor*. Porto, 1964.
- MALPIQUE, Cruz, Alberto de Oliveira, *mentor do neogarrettismo e da geração literária de 1890. O irracionalismo das «Palavras loucas»*. Porto, 1963.
- MAURÍCIO, Domingos, *Literatura regionalista*. In *Brotéria*, Junho 1935, pp. 398-409.
- MELO, Gladstone Chaves de, *Regionalista*. Artigo in *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 16, cols. 86-88, 1974.
- MENDES, Manuel, Aquilino Ribeiro. *A obra e o homem*. 2.^a ed., Lisboa, Arcádia, 1977.

- MENDES, Manuel, *O mundo pícaro de Aquilino Ribeiro*. In *Vértice*, XXV, n.º 267, Dezembro, 1965, pp. 885-896.
- MENDES, Manuel, *O ser humano e literário de Aquilino*. In *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro*, XII, n.º 10, Outubro de 1963, pp. 273-275.
- MENESES, Mário de, *Camilo em Ribeira de Pena*. Coimbra, 1965.
- MICHAELIS, Carolina. Ver VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de ...
- MICHEL, Louis, *Le langage méridional dans l'oeuvre d'Alphonse Daudet*. Paris, Ed. D'Artrey, 1961.
- MIGUEL, António Dias, *Páginas esquecidas. Notas de estilo*. In *Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa*, ano VI, Janeiro, 1955, n.º 1, pp. 16-19.
- MONIS, Egas, *Júlio Dinis e a sua obra*. 3.ª ed., Lisboa, 1924.
- MONTEIRO, Adolfo Casais, *Sobre o romance contemporâneo*. Lisboa, Editorial Inquérito, Ld.ª 1940.
- MOREIRA, Júlio, *Fragmento de um estudo sobre a linguagem de Camilo*. In *Estudos da língua portuguesa*, 2.º vol., 1913, p. 205 e seg. Nação Portuguesa. *Revista de cultura nacionalista*. Lisboa.
- NAMORA, Fernando, *Aquilino Ribeiro*. (Lisboa), 1963.
- NAMORA, Fernando, *Esboço histórico do neo-realismo*. Sep. das «Memórias», Classe de Letras, tomo VII, Lisboa, 1961;.
- NAMORADO, Egídio, *Situação do neo-realismo*. In «*Vértice*», XXII, n.º 221, Fev., 1962, pp. 89-92.
- NUNES, José Joaquim, *Cantigas paralelísticas em Gil Vicente*. In *Revista Lusitana*, vol. XII, 1909, pp. 241-267.
- OLIVEIRA, Cecília Teixeira de, *Carta a um jovem poeta*. Sep., da *Revista Letras*, n.º 16, 1968. OLIVEIRA, José Osório de, *Panorama da literatura portuguesa*. Lisboa (Ática), 1947.
- OLIVEIRA, José Osório de, *Visão incompleta de meio século da literatura portuguesa*. Lisboa (Portugália Editora), 1950.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Temas clássicos na poesia portuguesa*. Lisboa, Verbo, 1972.
- PIMENTEL, Alberto, *A primeira mulher de Camilo*. Lisboa, 1916.
- PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa, *Estética e geografia*. Nótula a propósito de um artigo sobre Gil Vicente, beirão. In *Biblos*, vol. XIX, 1943, pp. 483-491.

PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa, *História da literatura portuguesa*. Século XVI. Coimbra, s.d.

PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa, *Introdução às Obras completas de Gil Vicente*. Barcelos, Companhia Editora do Minho, 1956. 2.^a ed., 1962.

PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa, *Introdução à Tragicomédia pastoril da Serra da Estrela*. Nova edição, revista, Coimbra (Atlântida), 1963.

PINTO, Clementino de Brito, *O Algarve na poesia de Emiliano da Costa*. Sep. da "Folha de Domingo", Faro, 1957;

PIRES, Maria Clarisse Ferreira, *Trindade Coelho em confronto com os principais rusticistas do século XIX*. Dissertação de licenciatura (inérita). Coimbra, 1954.

PROENÇA, Raul, *Acerca do Integralismo Lusitano*. In *Páginas de política*, pp. 29-110.

PROENÇA, Raul, *Páginas de política (1)*. Lisboa, Seara Nova, 1972;

RAMOS, Feliciano, *Braga no romance contemporâneo*. Braga, Edições Bracara Augusta, 1950. RAMOS, Feliciano, *Ensaio de crítica literária*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.

RAMOS, Feliciano, *História e crítica, Estudos de literatura*. Braga, Livraria Cruz, 1962. RAPOSO, Hipólito, *Dois nacionalismos. L'Action Française e o Integralismo Lusitano*. Lisboa, Liv. Ferrari, 1929.

REGO, Diogo, *A paixão altoduriense de Camilo Castelo Branco*. In *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro*, XVI, n.^{os} 1-2, Janeiro-Fevereiro de 1967, pp. 399-400.

Revista de Guimarães. Guimarães.

Revista Lusitana. Lisboa e Porto.

Revista de Portugal. Série A - Língua Portuguesa, Lisboa.

RODRIGUES, Urbano Tavares, *O Algarve na obra de Teixeira Gomes*. Lisboa, Portugália Editora, 1962.

SANSONE, Mario, *Relazioni fra la letteratura italiana e le letterature dialettali*.

In *Letterature comparate*, pp. 261-327. (Dott. Cado Marzorati Editore), Milano, 1948.

SARAIVA, António José, *História ilustrada das grandes literaturas. Literatura Portuguesa*. 1.^o volume, Lisboa, Estúdios Cor, 1966.

- SIMÕES, João Gaspar, *História do movimento da Presença*. Coimbra, 1958.
- SIMÕES, João Gaspar, *Trindade Coelho e o Regionalismo*. In *Primeiro de Janeiro*. 8/XI/72
- SIMÕES, Veiga, *A nova geração. Estudos sobre as tendências actuais da literatura portuguesa*. Coimbra, F. França Amado, 1911.
- TEYSSIER, Paul, *La langue de Gil Vicente*. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1959.
- TRIGUEIROS, Luís Forjaz, *Do realismo português ao regionalismo brasileiro*. Comunicação apresentada à Classe de Letras, em sessão de 27 de Fevereiro de 1964. In *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, Nova Série, XXXVI, Janeiro-Fevereiro, 1964, pp. 94-110.
- URBANO, Ana Maria Pires Dias, Arnaldo Gama. Dissertação de licenciatura (inédita). Coimbra, 1960.
- VASCONCELOS, Carolina. Michaëlis de, *Notas vicentinas (Preliminares de uma edição crítica das obras de Gil Vicente)*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1912-22.
- VASCONCELOS, J. Leite de, *Gil Vicente e a linguagem popular*. Lisboa, 1902.
- VASCONCELOS, T aborda de, *Aquilino Ribeiro*. Lisboa, Editorial Presença, 1965.
- VERNOIS, Paul, *Le roman rustique de George Sand à Ramut.. Ses tendances et son évolution (1860-1925)*. Paris, A. G. Nizet, 1962.
- VERNOIS, Paul, *Le style rustique dans les romans champêtres après George Sand. Problemes de nature et d'emploi*. Paris, Presses Universitaires de France, 1963.
- Veritas. Porto Alegre.
- Vértice. Coimbra.

5. Sobre Regionalismo, conceitos de região e províncias portuguesas:

- Análise económica. Lisboa.
- Annales de Géographie, Bulletin de la Société de Géographie. Paris.
- AURORA, Conde d', *O Douro Litoral. Antologia da Terra Portuguesa*. Lisboa, Bertrand, s. d.

- AURORA, Conde d', *Malhadas de centeio no Entre Douro e Minho*. Sep. da *Revista de Etnografia*, n.º 3, Porto, Junta Distrital do Porto, 1967.
- BARATA, José Fernando Nunes, *O desenvolvimento regional e as realidades portuguesas*. Sep. da *Revista de Direito Administrativo*, tomo IX, n.º 2. Coimbra, 1962.
- BERNARDO, Hernâni de Barros, *A região geo-económica*. Vol. I, Lisboa, 1940. *Boletim da Casa do Alentejo*. Lisboa.
Boletim do Ministério da Agricultura. Lisboa.
- BOYER, Jean-Claude, La notion de «région» aux Pays-Bas. In *Annales de Géographie*, Bulletin de la Société de Géographie. Paris, LXXVII^e année, n.9421, Mai-Juin 1968, pp. 323-335.
- BRAGA, Teófilo, *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*. Lisboa, Livraria Ferreira, 1885.
- CABRITA, Carlos Pedro, *As bases históricas do regionalismo algarvio*. Coimbra, Atlântida, 1928.
- CALDAS, Eugénio de Castro, LOUREIRO, Manuel de Santos (com a colaboração de Fernando Eustácio, José Manuel Barrocas e Maria João C. de Oliveira), *Regiões homogéneas no continente português*. Instituto Nacional de Investigação Industrial. Fundação Gulbenkian, Centro de Estudos de Economia Agrária. Lisboa, 1966.
- CÉSAR, Amândio, *Trás-os-Montes e Alto-Douro. Antologia da Terra Portuguesa*. Lisboa, Bertrand, s. d.
- CRABOT, Georges, *Les conceptions françaises de la région géographique*. In Pinisterra, Lisboa, vol. II, n.º 3, 1967, pp 5-16.
- CHARLES-BRUN, J., *Le régionalisme*. 3.^a ed., Paris, Bloud & C^{ie}, 1911.
- COSTA, Américo, *Dicionário corográfico de Portugal continental e insular*. Porto, Livraria Civilização, 1929-1949, 12 vols.
- COSTA, Sousa, *O Córgo. Vida e obras dum rio*. Conferência. Vila Real, 1961.
- COSTA, Sousa, *Mapa falado de Portugal*. S. 1., 1936. Conselho Nacional de Turismo.
- COSTA, Sousa, *Milagres de Portugal. D'entre Minho e Algarve*. Lisboa, s. d.
- CUNHA, José Correia da, *Regionalização do território metropolitano*. Sep. da *Revista de Planeamento e Integração Económica*. Lisboa (1967 ?).

- DELGADO, M. Joaquim, *A etnografia e o folclore do Baixo-Alentejo*. Sep. da revista *Ocidente*. Lisboa, 1958.
- DEUSDADO, Ferreira, *Regionalismo e patriotismo*. Lisboa, Liv. Bertrand, 1934.
- DIAS, Jaime Lopes, *Etnografia da Beira*. 2.ª ed., vol. II, Lisboa, Livraria Ferin, Ld.ª, 1964.
- DIAS, A. Jorge, *Bosquejo histórico da etnografia portuguesa*. Sep. do Suplemento bibliográfico da *Revista Portuguesa de Filologia*. vol. II, 1952.
- EVANGELISTA, Júlio, *Louvor e defesa da vida local*. Lisboa, L. Henry Gris, Ld.ª, 1957.
- FÉLIX, José Maria, *Vila de Rei e o seu concelho. Apontamentos para a sua história*. Vila Nova de Famalicão, 1969.
- FERREIRA, David Mourão, *O Algarve. Antologia da Terra Portuguesa*. Lisboa (Bertrand), s. d.
- FILGUEIRAS, Octávio Lixa, *Considerações sobre a estrutura do «rabelo»*. In *Douro Litoral*. Boletim da Comissão de Etnografia e História. Oitavá série, III-IV. Ed. da Junta de Província. Porto, 1957, pp. 345-351.
- GALHANO, Fernanda, *Da alfaia agrícola portuguesa. Picaretas, alviões e alferces*. In *Trabalhos de antropologia e etnologia*, XV, 1-2, Porto, 1954.
- GAMA, C. Manuel Fonseca da, *Terras do Alto Paiva. Memória histórico-geográfica do concelho de Vila Nova do Paiva*. Lamego, Tip. Voz de Lamego, 1940.
- GENDRE, Jean Louis, *Dimension régionale et développement économique*. Clermond-Ferrand, Faculté de Droit et des Sciences Économiques, 1966.
- GIRÃO, Aristides de Amorim, *Atlas de Portugal*. 2.ª ed., Coimbra, s. d. [1959].
- GIRÃO, Aristides de Amorim, *Esboço duma carta regional de Portugal*. 2.ª ed., Coimbra, 1933.
- GIRÃO, Aristides de Amorim, *Geografia de Portugal*. Porto, 1949-1951.
- GIRÃO, Aristides de Amorim, *Lições de geografia humana*. In *Biblos*, X, 1934, pp. 48-97.
- GONÇALVES, Fausto, *Alentejo e alentejanos*. Lisboa, 1957 *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa. Rio de Janeiro. 40 vols.

- GIESE, Wilhelm, *Conservação e perda da cultura material e tradicional no Sul de Portugal*. Sep. da *Revista de Etnografia*, vol. III, tomo I, Julho de 1964, pp. 23-40. Com desenhos de chaminés do Alentejo e Algarve.
- GIESE, Wilhelm, *O problema da açoteia algarvia*. Coimbra, 1935.
- HAUSER, H., *Le probleme du Régionalisme*. 1924.
- JUILLARD, Étienne, *Functions and forming of regions*. Acta Geographica Universitatis Comenianae, Bratislava, 1968.
- JUILLARD, Étienne, *La région: essai de définition*. In *Annales de Géographie, Bulletin de la Société de Géographie*, Paris, LXXI^e Année, N^o 387, Septembre-Octobre, 1962, pp. 483-499.
- LARCHER, Tito de Sousa, *Estudos de regionalismo*. Leiria, 2 vols., 1930-1931.
- LIMA, Jaime de Magalhães, *O amor das nossas coisas e alguns que bem o serviram*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.
- LIMA, Jaime de Magalhães, *Dificuldades étnicas e históricas da insinuação do nacionalismo na arte portuguesa contemporânea*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.
- LOPES, Miranda, *Da minha terra. Subsídio para a etnografia de Trás-os-Montes*. In *Revista Lusitana*, vol. XXXI, pp. 138-163.
- LOPES, João Baptista da Silva, *Corografia do reino do Algarve*. Lisboa, 1841.
- LOURO, Manuel Francisco Estanco, *O Livro de Alportel. Monografia de uma freguesia rural: concelho de Alportel*. Sep. do *Boletim do Ministério da Agricultura*, ano XI, n.^{os} 1-6, Julho-Dezembro de 1928, 10-12, Abril-Junho de 1929.
- Lisboa, 1929.
- MACHADO, Herlander, *Regionalismo e Nacionalismo*. Lisboa, Gráfica Manuel A. Pacheco, Ld.^a, 1961.
- MACHADO, Montalvão, *Trás-os-Montes. Perfil sociológico de uma província*. Lisboa, Edições da Casa de Trás-os-Montes, 1961.
- MATTOS, Armando de, *O barco rabelo*. Porto, 1~0.
- MIRANDA, Vasco, *A Beira. Antologia da Terra Portuguesa*. Lisboa, Bertrand, s. d.
- MONTEIRO, Manuel, *O Douro*. Porto, Emílio Biel & C.^a Editores, 1911. *Nação Portuguesa. Revista de cultura nacionalista*. Lisboa.

Ocidente. Lisboa.

OLIVEIRA, Maria Raquel Álvares de, *Os singulares encantos das terras algarvias*. Lisboa, 1965.

PALAZZOLI, Claude, *Les régions italiennes: contribution à l' étude de la décentralisation politique*. Paris, Librairie Générale de Droit et Jurisprudence, 1966.

PICÁO, José da Silva, *Através dos campos. Usos e costumes agrícola-alentejanos (concelho de Elvas)*. 2.^a ed., Lisboa 1947.

PINTO, Luís Maria Teixeira, *O significado do desenvolvimento regional*. Lisboa, Gabinete de Investigações Económicas, 1966. Sep. de *Análise Económica*, n.º 14, 1966.

Revista de Direito Administrativo. Coimbra.

Revista de Etnografia. Porto.

Revista de Planeamento e Integração Económica. Lisboa.

RIBEIRO, Manuel, *O Alentejo*. Edição para a Exposição Portuguesa em Sevilha. Lisboa, 1929.

RIBEIRO, Orlando, *Geografia e civilização. Temas portugueses*. Lisboa, Instituto de Alta. Cultura: Centro de Estudos Geográficos anexo à Faculdade de Letras de Lisboa, 1961.

RIBEIRO, Orlando, *A geografia e a divisão regional do país*. Sep. de *Problemas de Administração local*. Lisboa, Centro de Estudos Político-Sociais, 1957.

RIBEIRO, Orlando, *Introduções geográficas à história de Portugal*. Lisboa, 1977.

RIBEIRO, Orlando, *Portugal*. In *Geografía de España y Portugal* [dirigida por] Manuel de Teran, tomo V, Barcelona, 1955, pp. 234-257.

RIBEIRO, Orlando, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Esboço de relações geográficas. 1.^a ed., Coimbra, 1945. 3.^a ed., Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1967.

RIBEIRO, Orlando, *Região e rede urbana: formas tradicionais e estruturas novas*. In *Finisterra*, vol. III, n.º 5, 1968, pp. 5-18.

ROCHA, Hugo, *Elogio de Braga e do seu termo*. Braga, Edição Bracara Augusta, 1951.

- RODRIGUES, Urbano Tavares, *Estremadura. Antologia da Terra Portuguesa*. Lisboa, Bertrand, s. d.
- RODRIGUES, Urbano Tavares, *O Alentejo. Antologia da Terra Portuguesa*. Lisboa, Bertrand, s. d.
- SANTOS, César dos, *Terra morena. Algarve do sonho e da realidade*. Lisboa, 1965.
- SARDINHA, António, *Purgatório das ideias. Ensaios de crítica*. Lisboa, Livraria Ferin, 1929.
- SARDINHA, António, *Ao ritmo da ampulheta*. Lisboa, Lumen, 1925.
- SARDINHA, António, *A sombra dos pórticos*. Lisboa, Ed. Restauração, 1961.
- SÉRGIO, António, *Ensaios*. Ed. crítica orientada por Castelo Branco Chaves [et alii] , e organizada por Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira. 2.^a ed., Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1976. 6 vols.
- VELOSO, Francisco, *Alguns aspectos do pensamento regionalista português*. Sep. da *Revista de Guimarães*, vol. LXVI. Guimarães, 1956.

6. Cantigas Recolhidas:

- 1- *A Pastora;*
- 2- *Coletinho aos Ramos;*
- 3- *Cantiga dos Pastores;*
- 4- *São João dos Bêbados;*
- 5- *Farrapeira;*
- 6- *Rapaz da Casaquita;*
- 7- *S. João Antigo;*
- 8- *Tecedeira Briosa.*